



2023

Como conversar com homens sobre violência contra meninas e mulheres

Uma edição atualizada e ampliada

**Quer ter este livro
na versão digital?
Acesse o QR
Code ou o link.**

Compartilhe com quem você desejar e tenha acesso
às referências através de hiperlinks



Acesse institutopdh.com.br/pesquisas-e-ferramentas/homens-contra-violencia

Como conversar com homens sobre violência contra meninas e mulheres

Uma edição atualizada e ampliada do livro-ferramenta “Como conversar com homens sobre violência contra as mulheres”, elaborado em parceria com o Instituto Avon (2019).

2023

Produzido por



Viabilizado por

FEBRABAN / Sindical

Sumário

Prefácio

Como usar este livro 6

1 **O que os homens precisam entender sobre violência contra meninas e mulheres?** 10

O que é assédio, abuso e violência? E como essas ações acontecem no dia a dia? 11

A percepção dos homens e jovens sobre o problema 14

Dados que todo mundo precisa saber sobre a violência contra meninas e mulheres 16

Protegidas atrás da tela? Entendendo as violências on-line 22

Violência sexual: os meninos e homens também sofrem com isso? 24

Qual a responsabilidade dos homens no enfrentamento das violências contra meninas e mulheres? 27

2 **Homens pelo fim da violência: guia prático para se tornar um aliado** 29

Por que ela continua nessa relação? 30

A violência usada como linguagem para resolver problemas 34

Como identificar situações de violência? 37

Como acolher uma mulher em situação de violência? 42

Como lidar com as dificuldades para denunciar? 54

Onde procurar ajuda? 58

Miniguia para profissionais da Educação 62

3

Como construir um futuro sem violência

67

Quero ser um aliado no enfrentamento às violências contra meninas e mulheres. Por onde eu começo? 68

Como conscientizar outros homens sobre violência contra meninas e mulheres? 71

Como conversar com homens que cometeram violências 75

Qual é a diferença entre grupos de masculinidades e grupos responsabilizantes para homens autores de violência? 80

Origens: a história dos grupos reflexivos e responsabilizantes no Brasil 84

Como os grupos reflexivos e responsabilizantes para homens autores de violência funcionam? 86

Como criar um grupo de homens? 89

Mapeamento de grupos para homens 92

Como enfrentar a violência contra meninas e mulheres em uma organização? 96

Miniguia para que profissionais da Educação e familiares possam prevenir a violência 97

4

Materiais complementares 105

Lista de palavras explicadas 106

Links e sugestões de aprimoramento 113

Referências 116



Equipe envolvida no projeto 119

Prefácio

Eu, homem, sou parte desse problema e também parte da solução



GUILHERME VALADARES

Fundador e Diretor de Pesquisa do Instituto PDH e Papodehomem

NOS QUASE DEZESSETE ANOS do meu trabalho conversando com homens, aprendi que é incomum que tenhamos disposição para dialogar sobre qual nosso papel no fim das violências sofridas pelas meninas e mulheres. Mas isso não significa que os homens desejam o sofrimento delas. Muitas vezes é uma mistura de proteção que existe entre os seus, uma cultura que há séculos nos educa com base na superioridade dos homens sobre as mulheres, falta de informação e ausência de um ambiente que os encoraje a romper o pacto de silêncio.

Reproduzo agora uma conversa típica de nossas rodas com homens, quando o tema é assédio e os diferentes tipos de abuso.

— Quem aqui já foi atrás de conversar ativamente com mulheres sobre as experiências de assédio ou abuso que elas possam ter sofrido ao longo da vida?

Silêncio na sala, geralmente apenas um ou dois homens levantam a mão. Quase sempre trazem relatos de situações envolvendo a família ou o ambiente de trabalho.

— Vocês conhecem os dados básicos sobre esse problema? Trinta milhões de mulheres foram assediadas em um único ano no Brasil. Dessas, cerca de 75.000 denunciaram ter sofrido estupro. Das que sofrem estupro, 56.820 casos correspondem a vítimas com menos

de 14 anos. Nesse grupo, 80% das violências foram cometidas por familiares ou conhecidos. Em 58% dos casos, o crime aconteceu em casa. O autor do abuso muitas vezes é um homem comum, uma pessoa como eu e vocês. A vítima mais comum é uma menina de até treze anos, abusada em sua casa por um parente ou conhecido. Todos esses dados podem ser encontrados no site do Instituto Patrícia Galvão.

— Ah, mas é foda isso, parece que só as mulheres é que sofrem abuso! Por que a gente não fala dos homens também?

— Entre adolescentes, os homens são 20% dos casos. Se considerarmos todas as idades, os homens são 11% dos estupros. Quando olhamos para os abusos sofridos por meninos, segundo dados do Ministério da Saúde, apenas 6% das vezes há uma mulher envolvida, os homens seguem sendo os principais autores. É claro que devemos discutir os casos sofridos pelos meninos e homens. Queremos chegar num ponto em que ninguém seja violentado, independentemente do gênero. Mas nosso cuidado é não esquecermos de quem está mais suscetível à violências na sociedade em que vivemos.

Mais um longo silêncio reflexivo se instala no grupo, até que um sujeito de braços cruzados, resistente me faz uma pergunta.

— Entendi... Mas assim, eu nunca bati nem estuproei ninguém. Por que sinto que estão tratando os homens como se fossem culpados por tudo?

— Você e a maioria dos homens não cometeu um estupro. Mas talvez já tenha gritado “gostosa” na rua ou usado alguma outra cantada, forçado beijo em uma festa, transado com uma pessoa que estava bêbada demais para consentir, mandou mensagens com teor sexual fora de contexto, se roçou em uma mulher sem a permissão dela ou se expressou gritando e socando objetos. Se não fez isso, provavelmente, conhece um homem que já agiu dessa maneira e você não fez nada. Quem sabe até fez piada com alguma dessas situações. Os homens não são culpados de tudo, mas quando falamos de violências, são a maioria dos autores das agressões e, com seu silêncio, ajudam a manter uma cultura que perpetua essa situação.

— Mas o que eu posso fazer então, na prática?

— Essa pergunta é maravilhosa, porque é o início da jornada. Significa reconhecer que temos responsabilidade nessa história. Podemos alertar nossos amigos quando eles agem de maneira assediadora, conversar com eles sobre esses números, escutar as experiências das mulheres ao nosso redor e treinarmos nossa empatia, aumentar a consciência sobre nosso papel na mudança, assumir uma postura ativa enquanto aliados pelo fim dos diversos tipos de violência – em lugar de ficarmos apenas como observadores passivos, deixando na mão dos outros a responsabilidade sobre essas questões.

Ao final do encontro, o “resistente” me procura. Conta da criação violenta, de como sente que seu casamento tem risco de acabar por conta da própria agressividade, das frustrações ao se reconhecer como um pai impositivo e controlador. Afirma que deseja aprender mais e se transformar como homem. Seguimos conversando por anos após esse encontro. Perdi a conta de quantas vezes passei por situações assim, que renovam minha fé na possibilidade de transformação das pessoas.

A professora e pesquisadora Grada Kilomba fala em cinco etapas de mudança: Negação, Culpa, Vergonha, Reconhecimento e Reparação. Passei anos em negação, antes de despertar para a importância de assumir meu papel como homem no movimento pelo fim da violência. Precisei me olhar no espelho e assumir posturas violentas que tive no passado, atravessando momentos de profunda culpa e vergonha. Contei com a ajuda generosa de amigas e amigos que conversaram comigo, ora amorosamente, em outros momentos com a dureza necessária.

Não escrevo essa introdução como alguém em posição de superioridade moral ou com uma carteirinha de “macho 2.0”. Me reconhecer como parte do problema e como parte da solução desses problemas é uma caminhada para toda a vida. É, também, um chamado à ação que faço para todos os homens que lerão essas palavras.

Esse livro é o esforço coletivo de uma equipe maravilhosa, que se propôs a escutar pessoas especialistas com décadas de experiência acumuladas na prevenção e combate à violência contra meninas e mulheres e no estudo das masculinidades. Aspiramos, de todo coração, que seja uma contribuição útil para um mundo livre de quaisquer formas de violência.

Como usar este livro?

Trate-o como uma ferramenta

Leia o livro, deixe-o na sua mochila, salve a versão digital e, quando tiver a oportunidade, mostre para as pessoas com quem você convive. Compartilhe o que aprender aqui para inspirar outras pessoas e, acima de tudo, coloque em prática. Se quiser nos contar suas críticas, sugestões e elogios, nosso e-mail é contato@papodehomem.com.br

Nossa motivação com este livro é combater ideias e comportamentos prejudiciais que estão na raiz da violência de gênero, especialmente contra meninas e mulheres. Combater violências que acontecem no núcleo familiar e a violência doméstica. Em todos esses contextos, elas são as principais prejudicadas. Sabemos também que homens podem ser vítimas de violência, em especial os meninos. Não propomos invisibilizar essa questão, pois o próprio fim da violência passa por compreendermos esse fenômeno de maneira ampla.

→ Esta é a segunda edição do livro "Como conversar com homens sobre violência contra mulheres". Nessa versão atualizada trazemos a importância de falar sobre as violências contra meninas menores de idade, além de perspectivas de mais especialistas. Este livro faz parte da plataforma "Construindo pontes e derrubando muros: como conversar com quem pensa muito diferente de nós?", lançada em março de 2019.



Se você se interessa pelo tema, recomendamos baixar o livro "[Como conversar com quem pensa muito diferente de nós?](#)" no nosso site papodehomem.com.br/pontes



SEGUNDO DADOS

673
mulheres denunciam um episódio de violência doméstica todos os dias.

4
mulheres morrem todos os dias vítimas por feminicídio.

17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2023

2
estupros são cometidos contra meninas e mulheres a cada minuto.

Dados sobre estupro no Brasil, IPEA, 2023

ISSO TEM QUE ACABAR.

1

**O que os homens
precisam entender
sobre violência
contra meninas
e mulheres?**



O que é assédio, abuso e violência? E como essas ações acontecem no dia a dia?

Vamos começar explicando o que entendemos como violência e algumas das formas mais frequentes no cotidiano. Consulte a nossa [Lista de Palavras Explicadas \(na página 106\)](#) se você encontrar alguma palavra ou termo que não conheça. Nessa parte, incluímos algumas explicações breves e detalhadas.

Violência não é só física.

Podemos dizer que violências são todas as ações que tomamos para fazer com que as coisas aconteçam do jeito que queremos, sem pensar nos sentimentos e desejos das outras pessoas.

CONHEÇA ALGUMAS FORMAS DE VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA:

- Gritar com outra pessoa;
- Dizer algo para que ela se sinta mal, mesmo que use um tom de voz amigável;
- Fazer chantagem e ameaça.

As **violências físicas**, como tapas, chutes, ferimentos com armas de fogo e/ou arma branca, são as mais fáceis de se identificar. Mesmo sem machucar alguém fisicamente, tocar essa pessoa sem permissão e buscar prazer com esse toque é considerado **violência sexual**. Reter algo importante de outra pessoa para ter algum controle é **violência patrimonial**.

Algumas formas de violência não são crimes, e precisamos prestar atenção para não cometê-las, como os comportamentos autoritários que aprendemos ao longo da vida e passamos a achar naturais. É comum

Violência de gênero

É quando o motivo da violência tem a ver com os padrões e expectativas de masculinidade ou feminilidade.

Alguns exemplos: ofender uma mulher porque a roupa dela é muito curta; agredir um homem por ele ser gay.

Violência psicológica

→ **Interromper, falar por cima ou levantar a voz quando você não concorda com outra pessoa:** “Não interessa o que você acha, você tá errada”.

→ **Invalidar ou diminuir a outra pessoa para valorizar a si mesmo:** “Ela não trabalha, ele que bota dinheiro em casa”.

→ **Desconsiderar a capacidade de outras pessoas com base nos seus pré-julgamentos:** “Você não vai dar conta de se manter sozinha”.

também que as violências comecem a aparecer numa relação com ações difíceis de identificar, mas que vão ficando mais frequentes e intensas ao longo do tempo. Enfrentar a violência contra meninas e mulheres começa por rever nossos comportamentos como homens e a aprender que todas as formas de violência, das mais sutis às mais graves, têm consequências negativas para as pessoas envolvidas e para a sociedade.

→ **Leia a página 30 para saber mais sobre o ciclo da violência.**

Para refletir: quem determina o tamanho de uma violência?

Podemos dizer que algumas violências são pequenas quando elas passam quase despercebidas no cotidiano. De certa forma algumas violências vêm disfarçadas, como uma opinião “sincera” numa conversa, ou como um “conselho”. Por mais que esses atos cotidianos não pareçam um problema, quando eles são constantes na vida das mulheres, as consequências podem ser tão profundas quanto as de uma agressão física: essa mulher deixa de acreditar em si mesma, de priorizar o seu bem estar, passa a ter medo de sair de uma relação, entre outras possíveis consequências. Você já falou alguma dessas frases? Antes de dizer, já parou para pensar nas consequências que elas têm em quem as recebe?

As violências acontecem dentro das relações

Muitas vezes temos a impressão de que os perigos estão nas ruas, em becos escuros, em pessoas desconhecidas. Mas a maioria das violências contra meninas e mulheres acontece dentro de casa ou parte de pessoas que conhecemos e amamos: familiares, pais, filhos, amigos, parceiros e parceiras românticas.

7 a cada 10 estupros acontecem em casa.

Pensando em violências contra meninas e mulheres, podemos listar 5 tipos principais.

Cada um desses tipos de violência pode acontecer em menor ou maior expressão de agressividade podendo, inclusive, resultar em feminicídio:

**MENOR
DEMONSTRAÇÃO**

**MAIOR
DEMONSTRAÇÃO**

VIOLÊNCIA VIRTUAL São atos de violência, agressão ou assédio que acontecem pelos meios virtuais de comunicação.

● Invasão do celular da outra pessoa para ler mensagens sem a permissão dela.

● Stalkear a pessoa para ter controle de saber onde e com quem ela está.

● Divulgar conteúdo erótico da pessoa sem autorização dela.

VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA Comportamentos repetitivos que prejudicam o senso de valor e de autonomia da pessoa que os sofre.

● Fazer comentários que depreciem a pessoa.

● Chantagens emocionais para conseguir o que quer.

● Fazer graves ameaças acompanhadas de humilhações para exercer controle.

VIOLÊNCIA PATRIMONIAL Condutas que limitam o acesso da pessoa aos seus bens.

● Quebrar objetos da casa.

● Quebrar algo importante para a pessoa, como um celular.

● Reter documentos, cartões e dinheiro para que a pessoa fique sem autonomia.

VIOLÊNCIA SEXUAL Violações com o objetivo de satisfazer eroticamente o autor da agressão.

● Tocar uma parte do corpo da pessoa sem permissão.

● Importunar a outra pessoa com uma masturbação não consentida

● Estupro, forçar a pessoa a ter relações contra a vontade.

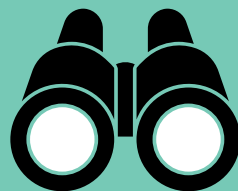
VIOLÊNCIA FÍSICA Todos os tipos de agressões corporais.

● Segurar forte pelo braço.

● Dar um tapa.

● Espancar até a morte.

A percepção dos homens e jovens sobre o problema



92%

das pessoas disseram que existe muito ou bastante machismo no Brasil, só 8% disseram que é pouco ou não existe.

Precisamos falar com os homens, 2019

Os brasileiros reconhecem que existe machismo, mas uma parte significativa dos homens ainda aprova atitudes de dominação e controle dos homens sobre meninas e mulheres.

27% acreditam que, em alguns casos, a mulher “também pode ter culpa por ter sido estuprada”.

Instituto Avon & Locomotiva, O PAPEL DO HOMEM NA DESCONSTRUÇÃO DO MACHISMO, 2016

O estudo “Violência contra a mulher: o jovem está ligado?”, realizado por Data Popular/Instituto Avon em 2014, analisa a opinião de mais de mil jovens de 16 a 24 anos:

85%

dos jovens consideram inaceitável que suas parceiras fiquem muito alcoolizadas.

69%

não concordam que elas saiam com amigos homens sem sua companhia.

46%

consideram inaceitável que suas companheiras usem roupas justas e decotadas.

29%

deles apontam que “o homem só bate porque a mulher provoca”.

Para 23%

dos jovens, “tem mulher que só para de falar se levar um tapa”.

Para 12%

se a mulher trair o marido, ele tem razão em bater nela”.

Segundo a pesquisa, “O papel dos homens na desconstrução do machismo” (2016):

84% acreditam que todos deveriam lutar por um mundo menos machista

Ainda segundo a pesquisa,

o diálogo seria o principal caminho para uma mudança de atitude:

34%

dos homens afirmam que deixaram de praticar algum tipo de atitude violenta contra a mulher nos últimos tempos.

54%

dos homens afirmam que o principal motivo para essa mudança de atitude foi ter uma conversa aberta e sincera com pessoas próximas

35%

foram influenciados por algum amigo ou parente homem e 22% por mulheres.

A mudança está acontecendo, mas o caminho ainda é longo.



Da teoria para a prática:

→ Converse com amigos, familiares, colegas de trabalho. Não é preciso dar uma palestra sobre o assunto. Conte dados que te surpreenderam. Compartilhe reflexões que você teve em relação às suas próprias atitudes. Seja um exemplo.

Dados que todo mundo precisa saber sobre a violência contra meninas e mulheres



A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES NÃO É COISA DO PASSADO:

1 a cada 15 mulheres

foi agredida fisicamente com tapas, socos ou chutes em 2020.



Cerca de **8 mulheres** são agredidas a cada **minuto**.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública - 2021

Talvez você esteja se perguntando: “Por que estamos falando em violência contra meninas e mulheres – e não apenas ‘contra mulheres’?”.

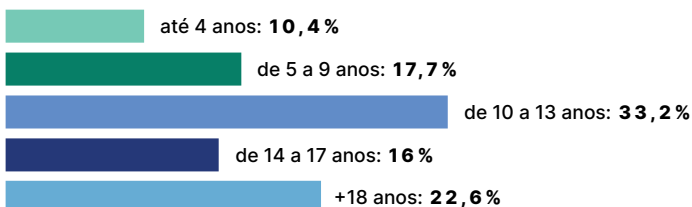
Sabemos que crianças e adolescentes são pessoas que ainda estão se desenvolvendo, certo? Mas na nossa sociedade, infelizmente, as meninas de 12 ou 13 anos, recebem cobranças tal qual mulheres adultas. Exigem que meninas se responsabilizem por evitar as violências que outras pessoas cometem contra elas. Desde muito novas, precisam evitar olhares e assédios.

POR QUE CRIANÇAS SÃO AS MAIS AFETADAS PELA VIOLÊNCIA SEXUAL?

Porque a violência sexual está associada a vontade de dominar a outra pessoa. Quem comete esse crime também precisa manipular a vítima para não ser denunciado. Juntando isso a fatores como uma cultura que erotiza meninas e mulheres mais jovens, as crianças se tornam o principal alvo dessa violência, afinal é mais fácil manipular e controlar uma criança do que uma mulher adulta.

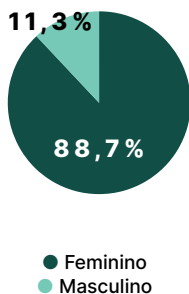
61,4% de todos os estupros cometidos são contra menores de 13 anos.

→ Distribuição das vítimas de estupro e estupro de vulnerável por idade %*

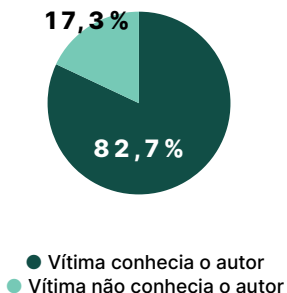


*Dados estimados a partir das informações do Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2023, considerando o número total de 74.930 registros de estupro no ano de 2022.

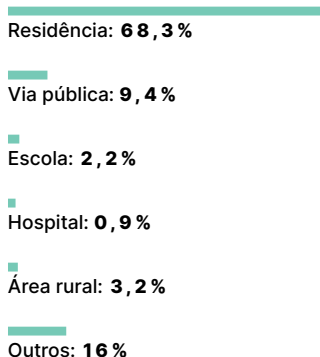
→ Sexo da vítima



→ Relação entre a vítima e o autor



→ Local onde o estupro ocorreu:





O Brasil é o 5º país do mundo no ranking da violência contra a mulher.

Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável – Brasil, 2022



O Brasil é o quarto país do mundo em número de casamentos infantis, totalizando 2.2 milhões de casos.

Girls not Brides, 2023



O Brasil foi considerado o pior país da América do Sul em termos de oportunidades – distribuição de renda, tratamento igualitário e responsabilidade governamental – para meninas.

Relatório Save The Children, 2016

"Grande parte das violências que afetam mulheres já estava presente na vida delas desde a infância."



→ O casamento infantil é a união formal ou informal em que pelo menos uma das partes tenha menos de 18 anos. A lei brasileira permite casamentos a partir dos 16 anos quando há autorização dos pais e proíbe qualquer tipo de união antes dos 16.

Meninos e meninas estão sujeitos a serem submetidos a um casamento, mas garotas são mais propensas a passar por isso. Estima-se que 65 mil meninas foram casadas no Brasil quando tinham entre 10 e 14 anos de idade. O casamento infantil impacta a jovem no desenvolvimento físico, emocional e de outras potencialidades, resultando na dificuldade de acesso à educação e à profissionalização.

UNFPA – Brasil, 2020

A VIOLÊNCIA ATINGE TODAS AS MULHERES,
MAS ALGUMAS SÃO MAIS AFETADAS DO QUE OUTRAS.

Em 10 anos o número de feminicídio de mulheres negras aumentou em 54,2% enquanto entre mulheres brancas, caiu 9,8%.

O Mapa da Violência, 2015



56% das vítimas de estupro eram negras.

61% das vítimas de feminicídio eram mulheres negras.

17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2023



Em 2018, **1 a cada 10 casos** de estupro eram cometidos contra **mulheres e meninas com deficiência.**

Atlas da Violência, 2018

Por dia, 7 mulheres com deficiência sofrem violência sexual, **54% delas são negras.**

Gênero e Número, 2021



Das pessoas trans assassinadas em 2021, **96%** eram mulheres trans e travestis.

A violência política, sexual e psicológica contra mulheres trans e travestis também tem crescido muito.

Dossiê Assassinatos e violências contra travestis e transexuais Brasileiras em 2021, ANTRA, 2021

Por que os homens precisam conhecer esses dados?

Pode parecer que a violência contra as mulheres é algo do passado, que acontece pouco, em situações extremas e, na maior parte das vezes, com pessoas que não conhecemos. Com um olhar atento e um pouco de estudo, aprendemos a identificar como essas situações estão acontecendo todos os dias, inclusive com pessoas muito próximas a nós. Convidamos você a se tornar um aliado para enfrentar as violências contra meninas e mulheres. Vamos juntos? Um passo inicial é conhecer mais sobre o assunto, os dados e entender o contexto do problema.

Muitas vezes temos a impressão de que os perigos estão nas ruas, em becos escuros, em pessoas desconhecidas. Mas a maioria das violências contra meninas e mulheres acontece dentro de casa ou partindo de pessoas que conhecemos e amamos: familiares, pais, filhos, amigos, parceiros e parceiras românticas.



Exercício "Mão na massa":

Compartilhe esses dados com seus amigos do grupo do futebol, do churrasco, do WhatsApp ou até mesmo da família. Conversem sobre como esses números impactam vocês e se conhecem meninas ou mulheres que já passaram por alguma situação de assédio ou violência.

Futebol de quarta



Zé

Cara, eu tava vendo uns dados em um livro hoje e fiquei impressionado. Vou mandar o link aqui. Vocês sabiam que 27% das pessoas acreditam que, em alguns casos, a mulher também tem culpa por ter sido estuprada? E que 61% das vítimas de estupro no Brasil tem menos de 13 anos?



Pedro

Ih... lá vem o mimimi!



L. Souza

Caramba! Nunca tinha ouvido falar nesses dados!



Miltinho

É... às vezes a gente não entende o que as minas falam porque não temos noção dessa realidade.

E as mulheres que estão no poder? Elas não podem mudar esse cenário?

Até mesmo as mulheres que ocupam os mais altos cargos políticos têm de lidar com violências diárias. Segundo a [ONU Mulheres, 2020](#).



82% das mulheres brasileiras na política já sofreram violência psicológica.



25% sofreram violência física dentro de espaços parlamentares.



20% vivenciaram constrangimento sexual.



40% afirmam que a violência interferiu na sua atuação política.



O que falta para vivermos em um mundo mais justo?

A Organização das Nações Unidas (ONU) tem uma lista de objetivos de desenvolvimento que guiam um caminho de mudanças considerando diferentes preocupações. [Acesse o site das Nações Unidas no Brasil](#) para entender melhor os objetivos da Agenda 2030.

O jogo não está nada justo no dia a dia

As mulheres ainda ganham, em média, 20,5% menos que os homens que atuam no mesmo setor de atividade, com o mesmo nível de escolaridade e idade ([IBGE, 2020](#)). Observamos que, em muitos setores, segue acontecendo uma concentração de homens nos cargos de liderança, que ganham mais – em especial porque muitos desses homens não são os cuidadores primários dos seus filhos. No contexto da pandemia de covid-19, das mulheres demitidas, 84% eram negras.

E o trabalho de cuidado? A sociedade precisa de cuidados, mas só metade da humanidade cuida?!

As mulheres gastam, em média, 21,4 horas semanais com o cuidado de pessoas e/ou atividades domésticas, enquanto os homens dedicam metade desse tempo ([IBGE, 2021](#)). Quando meninas e mulheres ficam responsáveis pela casa, pela comida, pelo cuidado com as crianças, elas têm menos tempo para os estudos e para o trabalho. Isso faz com que tenham menos oportunidades, menos independência e que fiquem em situação de vulnerabilidade para terem relações abusivas.

A humanidade não vai avançar enquanto mais da metade da população ficar para trás. Precisamos que todas as pessoas unam esforços para que meninas e mulheres possam viver uma vida livre de violências.

Este texto foi escrito por **VIVIANA SANTIAGO**
Consultora e ativista em projetos para equidade interseccional

Protegidas atrás da tela? Entendendo as violências online



No mundo virtual, assédios e agressões repetem a mesma lógica das violências físicas, mas em outros formatos.

O QUE SÃO FORMAS DE VIOLÊNCIA E ASSÉDIO DIGITAL?

- Ofender e insultar as pessoas por comentários ou mensagens;
- Stalkear ou perseguir digitalmente para ter algum tipo de controle;
- Fazer ameaças, seja de danos físicos ou digitais;
- Espalhar imagens sem autorização para gerar constrangimento;
- Assediar pessoas por um período contínuo;
- Organizar ataques coordenados de ódio e ofensas;
- Controlar senhas, invadir contas;
- Coagir virtualmente a pessoa com base em ameaças ou mentiras para ter vantagem sexual;
- Se apropriar de conteúdos criativos ou intelectuais de mulheres e compartilhá-los sem dar créditos.



O **Instituto Avon** se uniu à Decode para realizar uma pesquisa sobre as violências praticadas na internet (Muito além do cyberbullying: A violência real do mundo virtual). Foram analisados mais de 286 mil vídeos, 164 mil notícias e 154 mil menções, comentários e reações em forma de curtidas, compartilhamentos e repercussões que aconteceram em ambientes digitais para investigar a violência de gênero na internet.



As formas mais comuns de violências online contra meninas e mulheres são assédio, vazamento de nudes, perseguição/ stalking e disseminação de imagens sem autorização.

“Violações que acontecem no espaço digital não são menos graves ou relevantes do que aquelas que acontecem em interações face a face.”

BEATRIZ ACCIOLY, coordenadora de Parcerias, Pesquisa e Impacto do Instituto Avon.

O assédio representa 1 a cada 3 casos de violência sofrida por mulheres e meninas no digital.

Em 50% dos casos de assédio, meninas e mulheres recebem, sem consentir, **mensagens com conteúdo sexual**.

O vazamento de imagens íntimas é a segunda violência mais comum no online, representando 24% dos casos.

Ex-companheiros estão relacionados a 84% dos relatos de stalking ou perseguição praticada nos meios digitais.

Mais de 30% das vítimas relatam **efeitos psicológicos sérios** (como adoecimento psíquico, isolamento social e pensamentos suicidas).

35% das vítimas desenvolveram algum nível de **medo de sair de casa** depois do ocorrido.

1 a cada 5 mulheres que passaram por violência online, **excluíram suas contas em redes sociais**.

INSTITUTO AVON

Este texto foi escrito para esta publicação pela equipe do Instituto Avon

Daniela Grelin – Diretora Executiva
Renata Rodvalho – Gerente de Causas
Beatriz Accioly – Coordenadora de Parcerias, Pesquisa e Impacto
Giuliana Borges – Coordenadora de Comunicação
Fernanda Puleghini – Redatora e Revisora

Acesse a pesquisa completa em institutoavon.org.br/pesquisa/

Violência sexual: os meninos e homens também sofrem com isso?



Vítimas de estupro e estupro de vulnerável, por sexo Brasil – 2022 (em %)



Anuário de Segurança Pública, 2023

A faixa etária dos meninos de 5 aos 9 anos é a que está mais vulnerável a sofrer violência sexual.

Os dados apontam que as meninas são as principais vítimas de violência sexual e que os homens são os principais autores de agressão. Mas isso significa que meninos e homens nunca são vítimas de violências sexuais?

Como muitos casos nunca chegam a ser denunciados, não sabemos ao certo o tamanho do problema no Brasil, mas temos evidências preocupantes da violência sexual que também acontece contra meninos e homens.

[WINZER, 2016](#) e [MINAYO e colab., 2022](#)

A maioria dos agressores sexuais é de homens, mas estima-se que 10% das violências são feitas por mulheres. [SAID, 2017](#)

Dependendo da pesquisa, de 2 a 35% de meninos e homens autodeclararam que já sofreram algum tipo de violência sexual.

[WINZER, 2016](#)

Focando em homens acima de 18 anos, a prevalência da violência foi de 2,5%.

[MINAYO, 2022](#)

Estima-se que apenas 1 a cada 10 casos de violência sexual, no geral, sejam denunciados.

[IPEA, 2014](#)

A lógica da violência de gênero é sempre a mesma: uma pessoa tem mais poder do que a outra. Seja uma diferença de força física, de autoridade (eu mando e você obedece), de maturidade ou desenvolvimento cognitivo. Os autores de agressão se aproveitam dessa posição de poder para cometer o crime.

Pedro

João

Típo... Quando eu era pequeno, meu tio fazia umas coisas muito estranhas comigo... que não se faz com criança, sabe?!

Pedro

Cara, eu sinto muito por isso que você passou, de verdade. E valeu pela confiança em se abrir.

João

É esquisito. Lembrar disso dói muito e eu fico me perguntando se eu que fazia alguma coisa errada.

Pedro

Olha, você não tem culpa de nada. Mas entendo que não seja fácil lidar com tudo isso sozinho. Como eu posso te ajudar?

Quando as vítimas são do gênero masculino, a maioria dos agressores continua sendo outros homens. E desses, muitos são heterossexuais.

“Se o cara abusa de outro homem, ele só pode ser gay, né?”

“A violência sexual não é sobre sexo, tampouco sobre orientação sexual, é sobre poder. Para quem comete o abuso, não interessa se é um homem, se é um menino ou se é uma menina. Interessa a satisfação do desejo sexual exercida por meio de força e/ou poder sobre a vítima.”
Denis Ferreira, com base em Azevedo MAN de, Guerra VN de A, 1989.

Há indicativos que os homens pretos, especialmente os que fazem sexo com homens, têm mais chances de serem vítimas de violência sexual na idade adulta do que os homens brancos.

FERREIRA e colaboradores, 2022

—> A violência sexual é, em geral, subnotificada – não é registrada oficialmente –, mas os casos contra meninos e homens parecem ser mais ainda.

Por que é tão difícil para os homens falarem sobre violência sexual?

Na nossa cultura, é esperado que meninos e homens sejam fortes, heterossexuais e sexualmente dominantes. E, quando ocorre uma violência sexual, o menino é colocado numa situação de vulnerabilidade e vergonha.

Homens vítimas de abuso sexual tendem a falar sobre isso só 20 anos depois.

ONG Quebrar o silêncio (Portugal, 2017)

Se o agressor for um homem, a sexualidade desse garoto será questionada de maneira negativa. Isso acontece porque a homossexualidade ainda é vista como um problema. Se a agressora for uma mulher, a palavra desse garoto vai ser desacreditada e sua sexualidade voltará a ser questionada: “Como pode uma mulher estuprar um garoto? Você não queria? Não queria por quê? É boiola?”.

Até 2009, a lei brasileira definia que estupro era: “Art. 213 – Constranger mulher à conjunção carnal, mediante violência ou grave ameaça”; Dessa forma, um crime cometido contra um garoto, um homem (ou contra uma travesti que não teve os documentos retificados) não poderia ser registrado como estupro. A consequência disso? O problema ficava invisível e a ação era registrada em outras categorias de crime, como lesão corporal, por exemplo.

Este texto foi escrito por
DENIS G. FERREIRA
Presidente da ONG Memórias Masculinas



PRECISA FALAR COM ALGUÉM?

Se você é um homem que foi vítima de violência sexual, tem mais de 18 anos e quer ajuda psicológica, entre em contato com a “Memórias Masculinas” pelo site memoriasmasculinas.org e peça um atendimento.

Se você tem menos de 18 anos e estuda, procure a equipe pedagógica da sua escola e peça ajuda.

Seja qual for o abuso sofrido por você, vale procurar um psicólogo, se for possível.

Você pode ler mais sobre o tema no nosso site: papodehomem.com.br/violencia-sexual-contra-meninos-e-homens/

Qual a responsabilidade dos homens no enfrentamento das violências contra meninas e mulheres?



Seja você um homem que cometeu violência ou quem acha que nunca fez isso



“Mesmo que você seja um homem que nunca agrediu uma mulher, também é seu papel ajudar a mudar essa cultura. O problema é de todos os homens.”

A violência contra meninas e mulheres é um problema complexo e com diversos fatores que envolvem questões sobre relacionamentos, gênero, raça, relações de poder, expectativas e compreensões sobre a relação entre homens e mulheres.

VOCÊ PODE PENSAR:
“Existem homens violentos, mas eu não sou um deles”.

Embora todas as pessoas possam ser violentas em certa medida, como mostramos já em alguns números, a maior parcela de violências parte de nós homens. Nós contra nós mesmos, contra outros homens e, principalmente, contra meninas e mulheres. Dessa forma, é urgente que nos entendamos como parte do problema para que possamos, também, ser parte da solução.

Por que a raiva é o único sentimento que os homens tendem a se sentir autorizados a expressar?

Trabalhando com masculinidades, é possível perceber que os homens se sentem "mais homens" nos momentos que agem com violência. É importante que você faça a seguinte pergunta pra si mesmo: "De que maneira posso vivenciar a minha masculinidade, expressar as minhas emoções e lidar com a minha vulnerabilidade sem seguir pelo caminho da violência?"

Será que é da natureza masculina ser violento? Se acreditamos nisso, quer dizer então que não há nada que possamos fazer para acabar com esses comportamentos?

Na verdade, nós, homens, aprendemos que agir e pensar com agressividade é normal. Existem outras formas de resolver os conflitos e também é possível escolher como agir ou não agir.

Afinal, como podemos resolver conflitos considerando melhor as nossas necessidades e as das outras pessoas?

Nós, homens, somos parte de uma história que se construiu por séculos. Por isso, precisamos dar o próximo passo, juntos, de nos responsabilizar pelos nossos atos e nos abrir para compreender o ponto de vista das mulheres. Também vale refletir: qual o custo da violência para a sociedade? Todas as pessoas perdem: quem sofre violência, claro, mas também quem a comete. Precisamos entender a violência contra meninas e mulheres como um problema que está enraizado em nossa cultura, mas que não é normal nem natural. Temos responsabilidade de mudar individualmente, mas também de entender qual é o meu papel coletivo para ser parte da mudança de uma estrutura complexa.

Podemos e devemos nos ajudar. Homens e meninos dispostos a aprender e praticar novas formas de expressão, novos modos de vida, outras formas de resolução de conflitos, possibilidades mais plurais de masculinidades, além de aprendizados e cultivo de afetos.

Este texto foi escrito por **ADRIANO BEIRAS**
Doutor em Psicologia Social, pesquisador de grupos de homens e masculinidades



Te convidamos a aprender com os próximos capítulos sobre como ser um aliado que consegue identificar e enfrentar, na prática, as violências contra meninas e mulheres. Vamos lá?!

2

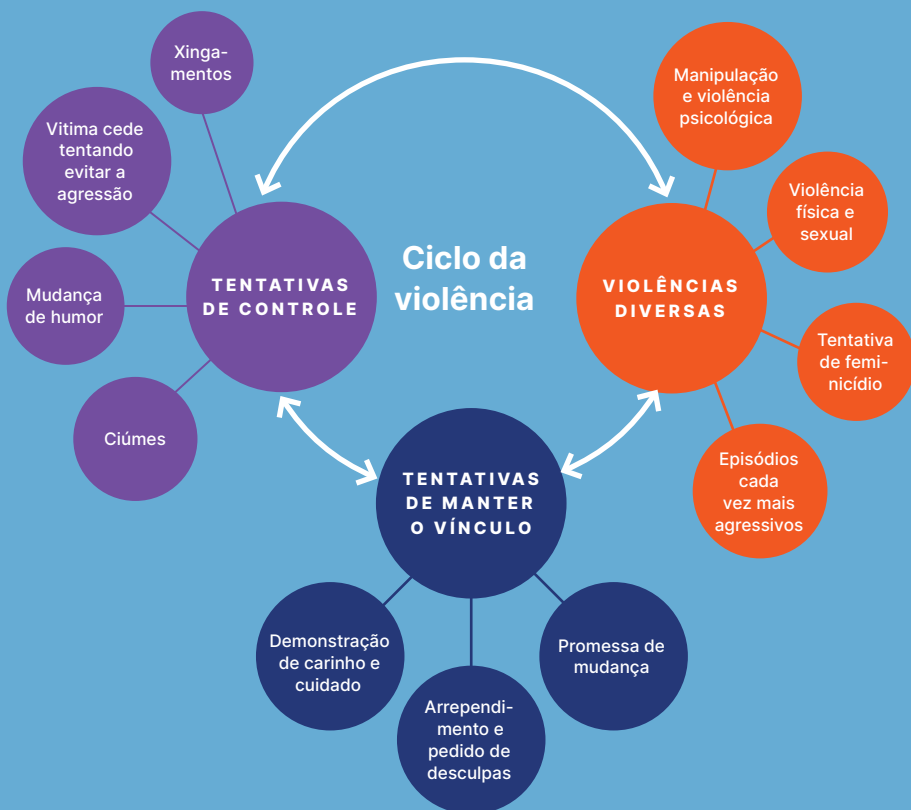
**Homens pelo fim
da violência: guia
prático para se
tornar um aliado**

Por que ela continua nessa relação?



Raramente uma agressão acontece apenas uma vez. Geralmente a violência começa a aparecer numa relação de forma sutil. Esses atos tendem a se repetir e a evoluir, tornando-se mais frequentes e graves. Podemos chamar essa dinâmica de ciclo da violência.

Entenda como funciona o ciclo da violência



O diagrama é um jeito de entender essa dinâmica, mas o ciclo nem sempre acontece nessa sequência. As etapas podem se misturar: tentativas de controle podem acontecer ao mesmo tempo que demonstrações de carinho e arrependimento.

Lucas

Lucas

Perdão, amor. É que você me fez perder a cabeça... Mas não vai acontecer de novo. Prometo!



Julia

Você já falou isso antes e sempre faz as mesmas coisas.

Lucas

Eu estou me esforçando pra melhorar!
Te amo demais, acredita em mim.



Entre um momento de explosão e outro, é comum que o autor da agressão demonstre arrependimento e se comprometa a mudar, o que gera sentimentos confusos em mulheres que estão em situação de violência. Isso acontece no dia a dia da família e, então, gritos, ameaças, chantagens e até abusos físicos acabam se tornando comum e fica difícil para a pessoa perceber um padrão se repetindo e os riscos envolvidos.

“O que acontece na violência doméstica é que o parceiro agressor [...] faz aquilo que chamamos de ‘Morde e assopra’, o que causa um sentimento de confusão nas mulheres, de dependência, de não saber mais se a culpa é dela, se é ela que está provocando, se ela fez alguma coisa errada. Esse é o terreno propício para se instalar o ciclo da violência.”

LENORE WALKER,

psicóloga, em entrevista para o Instituto Patrícia Galvão

Se ela quer continuar com ele é porque aceita essa situação. É mulher de malandro!

“Nenhuma mulher escolhe o ‘pior companheiro’. Elas escolhem aquele parceiro com o qual imaginam que vão construir uma vida. O fato de esse companheiro não ser uma pessoa má o tempo todo faz com que ela acredite que o comportamento agressivo pode mudar.”

LENORE WALKER,

psicóloga, em entrevista para o Instituto Patrícia Galvão

Quando a pessoa não quer romper laços imediatamente, não significa que essa menina ou mulher queira ser agredida. De muitas maneiras, elas estão em uma relação de codependência (quando duas pessoas dependem muito uma da outra de maneira nada saudável). Elas tentam usar estratégias para suportar e sobreviver a essa dinâmica de conflitos.

É importante dizer que essa dependência não significa que elas concordem com a situação ou aprovelem o que está acontecendo.

Além disso, quando falamos de violência contra meninas, especialmente menores de 14 anos, a maioria das agressões acontecem nas relações familiares ou com pessoas conhecidas. Essa dinâmica pode envolver relações de autoridade e dependência financeira, até porque essa menina pode estar sob a responsabilidade legal desse agressor. A partir disso, não devemos considerar que essas meninas deveriam ter maturidade psicológica e autonomia para romper e sair sozinhas de um ciclo de violência. É preciso ter um suporte familiar e social para garantir os direitos dessas meninas.

Você, homem, já reparou se está reproduzindo comportamentos que aprendeu ao longo da vida?

Uma criança que cresce em um lar com oferta abundante de amor, carinho e cuidado, aprende e carrega consigo o entendimento de que esses comportamentos são naturais para ela e são referências para seus outros relacionamentos familiares, afetivos e amorosos, ainda que de forma inconsciente.

Assim, a criança que cresceu em um ambiente hostil presenciando, constantemente, episódios de violência, poderá também aprender e naturalizar comportamentos violentos como normais. Dessa maneira, essa pessoa poderá repetir, em outros relacionamentos, características problemáticas do ambiente e das relações que vivenciou desde a infância.

Ou seja, tanto a pessoa que comete violência como quem é violentado tendem a repetir vivências e comportamentos de um ambiente que para eles é familiar e natural desde muito novos.

Vale ressaltar que esta repetição é totalmente inconsciente. Portanto, romper vínculos com quem comete a violência pode ser muito mais complexo do que se imagina, por isso muitas pessoas acabam tendo dificuldade de sair de relacionamentos, ainda que estejam vivendo em um contexto de violência física e psicológica constante.

A violência usada como linguagem para resolver problemas



Um homem que comete violência é um monstro? É uma pessoa que não valoriza a família, que não ama e que não se esforça pelos outros? Esse tipo de pensamento nem sempre é verdadeiro, o que nos dificulta reconhecer que nós mesmos e as pessoas que amamos, sejam eles nossos familiares, parceiros ou amigos, possam ser agressivos.

Temos muitas características positivas e, mesmo assim, diante de uma frustração ou problema, podemos recorrer a comportamentos e atitudes violentas (nem sempre físicas), sem que realmente se tenha a intenção de ser agressivo, como forma de resolver as coisas. Um exemplo é quando “perdemos a paciência” e falamos mais alto numa discussão ou quando ameaçamos uma criança ao sentir que nossa autoridade e “controle” estão se perdendo. Ao não conseguir ouvir ou entender as necessidades da outra pessoa ou lidar com nossa ira ou frustração, é comum falar e até mesmo agir de um jeito violento.

Aprendemos, através das dinâmicas familiares, que é preciso impor respeito e que ameaças físicas e verbais são a maneira mais comum de resolver conflitos, principalmente aos que coloquem em risco o que temos estabelecido como “bom funcionamento” dessas situações em que a violência se apresenta.

PARA REFLETIR:

Você consegue pensar num momento que gritou ou ameaçou alguém para tentar resolver uma situação que não estava te agradando?

“Acaba sendo uma forma muito imatura de lidar com as dificuldades em um relacionamento e a gente sempre pode amadurecer as relações para não usar violência.”

ADRIANO BEIRAS – Doutor em Psicologia Social, pesquisador de grupos de homens e masculinidades

PERGUNTAS-CHAVE PARA NÃO USAR A VIOLÊNCIA COMO FORMA DE RESOLVER CONFLITOS

- Por qual motivo me sinto frustrado com essa situação?
- Qual é o meu primeiro impulso ou vontade quando uma situação semelhante se apresenta?
- Esse primeiro impulso me ajuda a chegar numa solução ideal que atenda o que eu necessito sem que seja necessário ferir outra pessoa?
- Como eu gostaria que as coisas se resolvessem?
- Se eu parar e pensar, percebo que entendo a necessidade da outra pessoa e a real intenção por trás do comportamento dela?
- Consigo propor uma alternativa que leve em conta a minha necessidade e a necessidade da outra pessoa?

Meninos e homens culturalmente são mais ensinados a resolver seus conflitos com violência

Tentar resolver as coisas na “marra” é uma questão cultural e, entre os meninos e homens, é ainda mais forte a ideia equivocada de que para ser mais másculo é preciso ser mais violento. Quando paramos para observar, vemos que, desde pequenos, os meninos acreditam que precisam enfrentar ou desafiar os outros usando força.



Esse comportamento mais agressivo não é natural do homem? Não está no sangue, nos hormônios?

Tudo isso está bem mais conectado à nossa cultura do que imaginamos. Os fatores biológicos não atuam sozinhos e têm uma imensa influência do nosso contexto, da cultura e da nossa capacidade de escolha.

A testosterona até pode dar mais força ao sexo masculino, mas como somos seres racionais, cada homem pode escolher como empregá-la. E sabemos que isso não precisa ser em atos agressivos ou impulsivos.

Afinal, quase nunca vemos um homem que agrediu seu chefe, mas quase todo dia vemos notícias de agressões contra meninas e mulheres. Se é possível controlar a agressão no local de trabalho, por que não seria possível fazer isso dentro de casa?

PARA REFLETIR:

“Ninguém me ensinou isso. Eu sou assim.”

Tem certeza?

Quem nos tornamos está diretamente ligado às relações estabelecidas no decorrer de nossas vidas, com isso, estamos aprendendo a todo momento como ser, agir e lidar com o mundo, com as pessoas e situações que nos cercam. Você consegue lembrar de momentos, ao longo da vida, nos quais outra pessoa te desafiou a ter uma postura impositiva ou agressiva para lidar com uma situação difícil?

“Não chora!”, “Se defenda!”, “Parte pra cima!”, “Tem que impor respeito!”, “Não leve desaforo para casa!”, “Seja homem!”

Saber se defender de ameaças e colocar limites é uma habilidade essencial em nossa vida. Afinal, podemos enfrentar situações de grande perigo no dia a dia. O problema é quando perdemos esse equilíbrio e a busca por autoproteção se transforma em comportamentos de violência, dominação e controle.

“Eu sou assim” significa justamente que este comportamento faz parte da sua **identidade** e por isso foi **construído!** E se foi construído dessa forma, existe a possibilidade de ser desconstruído. Não nascemos violentos. Aprendemos a agir assim ao longo da vida para lidar com as situações. Reconhecer que a violência não é a única forma de agir, abre espaço para que outras maneiras mais saudáveis de agir possam fazer parte da nossa vivência. E então abre possibilidades para que este ciclo de violência seja quebrado com a construção de uma nova dinâmica de relacionamento.

“TEM COMO QUEBRAR ESSE CICLO?”

Sim. Se tudo isso foi aprendido, então podemos mudar e cultivar novas formas de agir, mais responsáveis e conscientes.

Afinal, se somos parte do problema, também temos que ser considerados como parte da solução desses problemas.

Esse texto foi editado pela Equipe PDH a partir de entrevista e orientações de **ADRIANO BEIRAS** - Doutor em Psicologia Social, pesquisador de grupos de homens e masculinidades

Como identificar situações de violência?



Pode ser difícil para alguém em situação de violência identificar que alguns comportamentos não são “normais”. Por isso, é importante que pessoas ao redor possam estar atentas a sinais que ajudem a identificar e a interromper situações de violência. No capítulo seguinte, daremos algumas orientações sobre como se aproximar, acolher e ajudar meninas e mulheres que foram vítimas.

Vamos citar alguns sinais que nos ajudam a ter mais atenção para interromper situações de violência. É importante lembrar que eles devem ser considerados em conjunto, levando em conta o contexto do qual fazem parte, e não de forma separada.

Sinais físicos:

Hematomas (marcas roxas pelo corpo) e machucados frequentes

Quando a pessoa foge do assunto ou evita contar como se machucou

Histórias de machucados que não têm uma explicação fácil

Acidentes ou quedas que acontecem muitas vezes

E EM RELAÇÃO A MENINAS?

Lesões que não fazem sentido com a idade da menina ou com a história que a pessoa responsável conta

Como uma criança quebrou a perna se ela ainda não anda? Isso pode ser um sinal de que ela foi jogada com força.

Machucados em diferentes fases de cicatrização

Quando vemos hematomas e machucados novos misturados com outros mais antigos, pode ser sinal de que essa criança está sofrendo violências com frequência.

Demora das pessoas responsáveis pela criança em buscar ajuda

A pessoa adulta conta sobre uma queda que aconteceu 15 dias atrás. A criança está muito machucada e só agora a pessoa está procurando um hospital. Por que um familiar demoraria tanto tempo para procurar um médico?



LEMBRETE → É importante considerar que esses são apenas alguns sinais de que alguém está passando por uma violência. Alguns desses fatores podem ser semelhantes para qualquer pessoa, mas, por exemplo, homens e meninos podem apresentar reações diferentes, com um foco maior em comportamentos agressivos. Sendo assim, uma mudança drástica de comportamento de qualquer pessoa deve ser observada com atenção.

Sinais psicológicos e emocionais:

Ansiedade, incômodo ou medo do futuro

A pessoa sente uma falta de esperança, as possibilidades de futuro parecem muito ruins e ela passa a aceitar todo tipo de sofrimento como se fosse comum.

Muita preocupação, estresse e alterações de humor

A pessoa fica irritada com coisas simples e tem crises de choro desproporcionais com a situação. Ou também pode acontecer o oposto: ela não mostra muita reação ou emoções - nem positivas, nem negativas.

Alterações no sono e na alimentação

Passa a ter insônia ou a dormir exageradamente. Ou, em relação à comida, fica sem comer por muito tempo ou come muito mais que antes.

Baixa autoestima e autoconfiança comprometida

Começa a dizer que se sente feia, faz comentários negativos sobre si, se mostra insegura em situações que não eram um problema e perde o interesse em coisas que gostava muito.

Disque 100

para denunciar situações de violência contra meninos e meninas.
Você também pode acionar o Conselho Tutelar da sua região.

Sinais no comportamento*:

*Gestos, expressões faciais, postura corporal, tom de voz, entre outros.

Esses sinais podem ser encontrados tanto em meninas quanto em mulheres, com algumas diferenças. Na página [62](#), você encontra um guia específico para identificar sinais de violência em crianças.

Demonstrações de vergonha, culpa ou falta de controle sobre a própria vida

Acha que todas as coisas ruins de sua vida são culpa dela mesma, que precisa aguentar e lidar sozinha. Se sente uma péssima pessoa com muita frequência.

Diminuem a importância de situações de violência

Justifica as explosões de raiva do autor da agressão dizendo que ele estava bravo, cansado ou bêbado. Acredita que ele está tentando ser uma pessoa melhor e que vai mudar.

Tendência ao isolamento

Ela se afasta das pessoas mais próximas, deixa de fazer coisas que gostava. Muitas vezes interrompe os estudos ou o trabalho. Pode ser que o próprio autor da agressão esteja tentando retirá-la de uma rede de apoio para quem ela contaria as coisas.

Atitudes muito cuidadosas

Calcula muito o que dizer, com receio de expor o autor da agressão. Tem muito medo de errar, pede desculpas sem motivo, demonstra muita preocupação com horários, com ordens e com o que o companheiro vai pensar. É um excesso de cuidado na tentativa de evitar gatilhos de agressões.

Mudança na forma de se vestir

Não só passa a se vestir diferente como parece querer cobrir o corpo todo, até o pescoço, mesmo em dias quentes.

Mudança constante de telefone

É difícil se comunicar com ela e o celular está sempre quebrado ou no conserto. Isso pode indicar que estão controlando a comunicação ou que os aparelhos são quebrados em momentos de fúria do autor das agressões.

Estou longe da menina ou da mulher. Como posso identificar se ela está em uma situação de violência?



Mande mensagens frequentes para saber como ela está. Mostre que você se interessa de verdade em saber dela e ouvi-la.

Faça videochamadas e procure saber um pouco mais sobre a rotina da pessoa. Procure saber como ela tem se sentido, se ela tem dormido e se alimentado bem.

Fale também sobre a sua vida e sobre as suas dificuldades. Assim ela saberá que pode falar sobre as dela sem se sentir julgada.

Não faça perguntas desagradáveis e deixe sempre um convite aberto para ela entrar em contato quando precisar ou quiser conversar.

Identifiquei que alguém que eu conheço pode estar sofrendo violência. Como posso ter certeza?



Se você quer ajudar alguém em uma situação de violência, saiba que você não é responsável por investigar ou ter certeza de que a violência está acontecendo. O que você pode fazer é oferecer apoio e acolhimento para a pessoa nessa situação. Comprovar a violência é uma função da polícia e de outros órgãos responsáveis.

No próximo capítulo, vamos falar como oferecer esse apoio e acolhimento.

Esse texto foi editado pela Equipe PDH a partir de entrevista e orientações de **JESSICA PAULA DA SILVA MENDES** - Mestre em Psicologia, psicóloga da Defensoria Pública do Estado do Paraná e atuante na sede da Casa da Mulher Brasileira

Como acolher uma mulher em situação de violência?



Eu sei ou desconfio que uma menina está passando por uma violência grave. O que devo fazer?

Para meninas menores de idade, especialmente as menores de 14 anos, é preciso que pessoas adultas (familiares, professores, assistentes sociais) se responsabilizem pela proteção e cuidado delas.

8 QUESTÕES PARA ELABORAR COMO INTERVIR:

1.

A violência está acontecendo neste momento?

Caso sim, chame a polícia. Diante de uma situação de urgência ou emergência, em que a violência está acontecendo e não é possível saber qual é o risco e a gravidade, devemos tentar interromper aquilo que está acontecendo.

→ Ligue para a Polícia Militar pelo 190.

2.

Você desconfia que uma menina possa estar em situação de violência, mas isso não está acontecendo neste momento?

O adulto deve se responsabilizar pela proteção dessa menina e intervir sempre pensando no menor prejuízo para ela. Essa intervenção pode envolver uma denúncia aos órgãos de proteção – como Conselho Tutelar ou pelo Disque 100 – ou uma conversa com os pais ou pessoas cuidadoras, se essas pessoas se mostrarem abertas a isso. A decisão pela melhor forma de agir nesse contexto deve considerar a condição atual da menina, sua relação com a pessoa autora da agressão e os riscos percebidos no momento.

3.

Você tem alguma proximidade para conversar com essa menina?

Se você for parente, alguém do convívio, uma pessoa envolvida na educação dessa menina ou que tenha intimidade para conversar com ela, você pode chamá-la para uma conversa. E, sem fazer perguntas invasivas, diga que ela pode te procurar se precisar de algo. Segue uma sugestão para começar a conversa:

— **Tenho notado você diferente ultimamente. Está tudo bem?**

— **Tá sim. Normal...**

— **Então tá bom, mas saiba que se você precisar de ajuda ou simplesmente quiser conversar sobre qualquer coisa, eu estou aqui para te ouvir e te ajudar no que for preciso.**

Deixe espaço para ela conversar quando estiver pronta!

4.

Você não tem tanta proximidade com ela?

Um primeiro passo pode ser avisar algum responsável pela menina sobre as suas percepções.

5.

E se a pessoa que tem causado a violência for um dos responsáveis por essa menina?

Por mais difícil que seja essa realidade, a pessoa autora da agressão pode ser o pai, padrasto, avós, pessoas que são os principais responsáveis pelo cuidado dessa menina. Nesse caso, cabe mais uma pergunta: **Existe alguma outra pessoa responsável? Se existir, ela sabe o que está acontecendo?**

Se houver outra pessoa responsável, você pode tentar informá-la, levantar um alerta e se propor a ajudar.

"Tenho percebido algumas mudanças de comportamento da fulana ultimamente. Ela tem crises de choro e fala que não pode contar o que está acontecendo para ninguém. Além disso, ela solta uns comentários de que tem medo do avô. Você tem notado isso também? Tá acontecendo alguma coisa em casa? Eu estou preocupado com a situação e disposto a ajudar da melhor forma que eu puder".

→ Na página [97](#) você encontra um Miniguia para pessoas educadoras, com mais dicas de como ajudar meninas a falarem sobre o que estão sofrendo.

6.

E se o responsável não fizer alguma coisa?

Infelizmente a violência intrafamiliar tende a ser mantida sob sigilo por vários motivos. Alguns deles: negação dos familiares em relação ao que aconteceu, a tentativa de preservar a estrutura da família, a tendência em relativizar o que é dito pela criança, a naturalização de formas de violências no contexto doméstico, dentre outras. Nesse caso, é possível:

Acionar o Conselho Tutelar:

É dever da sociedade cuidar dessa menina e não podemos nos omitir. Nesse caso, é importante acionar o Conselho Tutelar da sua cidade para que essa menina possa ter a atenção e o cuidado especializado.

7.

Essa menina vai para um abrigo? A família vai perder a guarda?

Não necessariamente. O Conselho vai tentar entender a situação e, se necessário, irá recorrer à Justiça para garantir o bem-estar da criança ou do adolescente. Se for entendido que o melhor para ela é permanecer com a família, poderão ser tomadas providências para o afastamento do autor da violência, por exemplo. Caso se entenda que a família como um todo não tem condições de proteger essa menina, pode ser que ela seja encaminhada para um espaço temporário de acolhimento para crianças e adolescentes em situação de risco.

8.

Como acionar o Conselho Tutelar?

Pelo fato de cada cidade ter o seu Conselho Tutelar, é preciso que você busque o da sua região. Se você não tem o número de denúncia ou não sabe onde ele fica, procure ou entre em contato com a Secretaria de Educação ou de Assistência Social da prefeitura do seu município.

A sua denúncia pode ser realizada pessoalmente, por ligação, e-mail, de forma anônima ou até mesmo escrita à mão. É importante dar o máximo de informações e detalhes possíveis do ocorrido ou da sua suspeita, ainda que não tenha total certeza. A função do Conselho Tutelar é justamente verificar.

→ A função do Conselho Tutelar é representar a sociedade na defesa dos direitos das crianças e adolescentes, como o direito à vida, à saúde, à educação, ao lazer, à liberdade, à cultura e à convivência familiar e comunitária. Ele é responsável por fiscalizar e intervir diretamente em situações em que esses direitos estão sendo violados. A sua atuação é municipal e ocorre em parceria com escolas, organizações sociais e serviços públicos.

Eu sei ou desconfio que uma mulher está passando por uma violência grave. Devo chamar a polícia?

Para meninas menores de idade, especialmente as menores de 14 anos, é preciso que pessoas adultas (familiares, professores, assistentes sociais) se responsabilizem pela proteção e cuidado delas.

ANTES DE AGIR, LEIA AS NOSSAS PERGUNTAS E RESPOSTAS.

A violência está acontecendo neste momento?

Sim.

Diante de uma situação de urgência e emergência, em que a violência está acontecendo e não é possível saber qual é o risco e a gravidade, devemos tentar interrompê-la.

E se ela negar a agressão?

SITUAÇÃO / ORIENTAÇÃO

“Denunciei uma situação de urgência que ouvi na casa vizinha e, quando a polícia chegou, a mulher disse que não estava acontecendo nada. Por que eu vou ajudar se a vítima não quer ajuda?”

O fato dessa mulher negar a agressão não significa que esteja protegendo o agressor. Ela pode estar protegendo a própria vida porque sabe que sair de casa daquela maneira pode trazer mais riscos. Denunciar uma situação de emergência pode ser determinante para garantir a integridade física e proteger a vida da mulher.

“Minha denúncia não teve efeito nenhum?”

Quando um agressor sabe que tem alguém prestando atenção na situação, isso pode fazê-lo pensar que tem alguém ouvindo e que a polícia pode aparecer a qualquer momento. Isso pode diminuir as chances de novas violências por um período. Além disso, demonstra para a mulher que as pessoas próximas estão percebendo que está acontecendo algo de errado, que ela tem com quem contar e que pode romper aquela relação.

A violência está acontecendo neste momento?

Não.

Se você desconfia que aquela mulher tenha passado por violências, mas sabe que não está acontecendo neste momento, não chame a polícia imediatamente. O melhor é conversar com a pessoa e entender com ela como pode apoiá-la para que saia dessa situação por conta própria.

A denúncia (feita por pessoas que não estejam envolvidas ou pela vítima) é um momento em que a tensão pode aumentar a vulnerabilidade dessa mulher. Quando ela mesma faz a denúncia, em alguma medida, essa mulher não será pega totalmente de surpresa pelas situações decorrentes disso. Em muitos casos, ela vai precisar criar alguma organização para lidar com a reação do autor de agressão ao saber da denúncia (como ir para um abrigo ou para a casa de outra pessoa).



→ Na página 58, listamos algumas iniciativas que podem dar suporte a mulheres e meninas. A recomendação vai ser diferente de acordo com o tipo de acolhimento que cada pessoa precisar.

UM EXEMPLO:

Um vizinho escuta brigas frequentes e desconfia que o morador ao lado agride a companheira. Depois da última briga que ouviu, ele passou dias refletindo sobre o que deveria fazer e até que, num dia calmo, decidiu fazer uma denúncia à polícia sem falar com a moça.

Minutos depois, um policial bateu na porta da vizinha. Ele diz ao próprio suspeito de agressão ter recebido uma denúncia de violência. O homem se mostra surpreso, diz que estava vendo filme, convida o oficial a checar. Não há nada errado na casa e o agressor afirma ter sido trote.

Assim que a viatura vai embora, o vizinho supõe que a jovem o denunciou e começa outra briga, com ameaças ainda mais graves: “Você se acha muito esperta, né? Agora eu quero ver o que você vai fazer! Porque se você ligar pra polícia de novo, eles nem vão perder o tempo deles voltando aqui!”

Como posso oferecer ajuda se eu não tenho intimidade com a pessoa?

Se for uma conhecida ou vizinha, por exemplo:

Dê abertura para que ela procure seu apoio e saiba como entrar em contato. Algumas sugestões de frases que você pode usar dependendo do contexto: “Precisando, é só bater lá em casa”, “Eu sempre vou pra zona sul. Se precisar de carona, é só falar”, “Toda tarde eu tô aqui na pracinha com as crianças”.

Se for uma colega de trabalho, de escola ou alguém mais distante:

Mostre sua preocupação para outra pessoa, alguém próxima a ela, ou para a área responsável. Assim, mais de uma pessoa estará atenta às mudanças e pensando em formas de ajudá-la.

Marisa RH

Rafa

Oi, Marisa! Acho que a Bia tá num momento difícil na vida pessoal, mas não tenho muita intimidade. Você sabe se ela tá bem?

Marisa

Não sei, Rafa. Faz tempo que a gente não conversa. Vou falar com ela.

Rafa

Queria me oferecer para ajudar no possível. Se tiver algo que eu possa fazer, me avisa?

Medidas simples podem fazer a diferença para que essa mulher se sinta cuidada.

COMO SABER A HORA DE TOMAR ALGUMA ATITUDE, SE ESTOU DISTANTE?

“Tenho medo de avisar alguém e ela ficar chateada comigo, achando que eu estou desrespeitando a privacidade dela e interferindo demais...”

Se a vida dessa mulher está em risco, é preciso acionar a rede de pessoas próximas a ela, ainda que ela se sinta mal com isso. Em situações de violência, nós precisamos fazer algo, sim, pois isso pode salvar uma vida. O que você pode fazer é garantir que só vai falar com as pessoas que realmente possam ajudar em situações de emergência sobre os temas que tenham a ver com a segurança dela.

Ela ainda não quer denunciar. O que eu posso fazer para ajudá-la nessa situação?

Infelizmente não existe uma fórmula ou solução que se aplique a todos os casos. Temos caminhos possíveis e precisamos entender e construir essas possibilidades com a pessoa que está em uma situação delicada. Ela, mais do que ninguém, sabe avaliar todos os fatores que fazem parte do contexto de violência.

1.

Pensar nas necessidades urgentes dela

Essa mulher está sofrendo
quais violências?

E como esse contexto afeta
a vida dela? Quais são
os riscos envolvidos?

→ **Essa pessoa tem acesso
a trabalho e renda?**

→ **Ela terá autonomia
financeira caso deixe
a casa na qual está
sofrendo violência?**

→ **Ela tem filhos?**

→ **Ela depende dos
recursos financeiros
da pessoa que está
cometendo as agressões
para cuidar das
necessidades básicas
dela e dos filhos?**

→ **Ela tem uma
rede de apoio?**

**Tem alguém sabendo da
situação a quem ela possa
pedir ajuda a qualquer
hora do dia ou da noite?**

→ **Ela está preocupada
com os filhos e com o
impacto emocional de
descobrirem as violências?**

2.

Conversar com a pessoa em situação de violência

A vida dessa mulher ou dessa
menina precisa ser pensada
de forma completa. É preciso
que um plano ou um caminho
considere suas condições
financeiras, sociais, de saúde
física e emocional, entre outros.
Resumindo: todo o contexto
em que ela está inserida.



3.

Valorizar o repertório pessoal

Essa mulher pode não ter um olhar especializado sobre a Lei Maria da Penha, mas ela soube sobreviver a essa situação até o momento. É importante considerar as estratégias que funcionam para ela. Algumas perguntas para refletir:

- **Do que ela consegue dar conta nesse momento?**
- **De que tipo de suporte ela precisa para sair dessa situação?**
- **Quais informações você pode dar para ajudá-la a tomar decisões?**

4.

Identificar os riscos envolvidos e os fatores de proteção que não estão disponíveis

Estamos falando dos riscos à integridade física e psicológica. Identificar esses fatores acaba ajudando bastante quando pensamos em estratégias de intervenção.

Fatores de risco X proteção

FATORES DE RISCO

Aquilo que potencializa a vulnerabilidade

DEPENDÊNCIA
FINANCEIRA
E CONDIÇÃO
SOCIOECONÔMICA:



FATORES DE PROTEÇÃO

Aquilo que tende a atenuar a vulnerabilidade

ACESSO A
TRABALHO E RENDA:

Se essa mulher depende financeiramente do marido e vive em vulnerabilidade socioeconômica, ela vai encontrar mais barreiras para sair desse relacionamento, para fazer uma denúncia e para acessar a rede de apoio.

REDE DE APOIO
AUSENTE OU
INSUFICIENTE:



REDE DE APOIO
PRESENTE:

Quando essa mulher não tem amigos, não tem familiares próximos que possam dar apoio.

Fortalece a noção de que essa mulher tem alternativa, reduzindo a sensação de dependência da relação.

EXISTÊNCIA DE FILHOS

Eles geram uma responsabilidade maior para essa mulher. Ela precisa pensar na segurança física, financeira, no cuidado de si e de mais pessoas. Além disso, ela pode se ver mais propensa a tentar manter uma família nos moldes tradicionais



Quando essa mulher tem filhos, a rede de apoio é ainda mais importante para ela ter possibilidades de abrigo, suporte e cuidado com as crianças.

AFASTAMENTO
DA ESCOLA



ACESSO À
EDUCAÇÃO

Mulheres com menor acesso à educação podem ter uma relação de dependência econômica maior. Mas, principalmente, no caso de meninas em idade escolar, estar fora da escola é um fator de risco. A escola pode ser um meio de denunciar ou de pedir ajuda e o afastamento desse ambiente a deixa mais isolada e em situação de vulnerabilidade.

RELIGIÃO



Pode ser um fator de risco quando existe um incentivo para continuar com o casamento independente do que aconteça (“Deus não te dá uma cruz maior do que você possa carregar”) e até a responsabilizar a mulher pela “recuperação” desse homem.

ACESSO À JUSTIÇA:

Ter possibilidade de reivindicar judicialmente um direito ameaçado ou violado. Conseguir assistência jurídica é fundamental e um direito assegurado inclusive às pessoas que não têm condições de pagar os custos de um advogado, por meio das Defensorias Públicas.

RAÇA



Nos últimos anos, a violência contra mulheres negras tem aumentado. Também existem muitos relatos de que mulheres negras recebem menos assistência nos sistemas de justiça e de saúde.

ACESSO A POLÍTICAS PÚBLICAS

A possibilidade dessa mulher ou menina acessar, principalmente, serviços de saúde e assistência social para garantir os seus direitos fundamentais.

QUESTÃO DE SAÚDE



Se essa mulher está passando por uma questão de saúde (Violência física ou mental) – e que pode ser consequência da própria violência – fica mais difícil sair da situação.

Lembrando que em 2018, 1 a cada 10 casos de estupro foram cometidos contra mulheres e meninas com deficiência.

Atlas da Violência, 2018

IDENTIDADE DE GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL



Pessoas LGBTI+ podem ter uma rede familiar mais distante, assim como também existe um fator de violência intrafamiliar quando a orientação ou identidade não são bem aceitas. A situação de vulnerabilidade é imensa para mulheres trans e travestis.

6 atitudes para evitar ao oferecer apoio

1.

Evite decidir pela pessoa em situação de violência

Sugira alternativas, mas não diga o que ela deve fazer.

2.

Evite impor que a pessoa tenha que agir conforme você espera

Talvez o problema não seja resolvido tão rapidamente. Se isso te frustrar, entenda também que não é culpa da pessoa que está sendo vítima.

3.

Evite oferecer apoio impondo alguma condição

Ao invés de dizer: “Só vou te ajudar se você registrar um boletim de ocorrência”, siga demonstrando sua disposição em apoiá-la mesmo que tome decisões diferentes da sua recomendação.

4.

Evite expressar sua decepção diante das escolhas da pessoa

Para não fazer com que essa menina ou mulher se sinta culpada por não conseguir evitar a violência que sofreu, mostre seu respeito por ela e valorize os pontos positivos na forma como ela tem enfrentado a situação.

5.

Evite se colocar como alguém que nunca passaria pela mesma situação

Ela não está nessa situação porque fez escolhas ruins. Por isso, reforce o sentimento de que ela não é culpada e nem merece estar passando por aquela situação.

6.

Evite falar pelas crianças ou impor a elas algum comportamento

Ao invés de cobrar que a criança denuncie o pai, por exemplo, escute o que a criança quer te dizer, sem falar por ela, e sem falar o que é certo ou errado.

Tem crianças no meio do conflito entre adultos: devo tirá-las da casa?

É PRECISO TER CUIDADO E PERGUNTAR ISSO À MULHER QUE ESTÁ NA SITUAÇÃO.

Pode ser muito bom ter parentes e pessoas amigas que se disponham a cuidar das crianças até para que a pessoa em situação de violência consiga estar menos sobrecarregada para pensar como quer lidar com a relação.

No entanto, se esse homem autor de agressão tem uma grande necessidade de manter controle, o afastamento das crianças pode ser um gatilho para outras violências, culpando a mulher e dizendo coisas, como: “Olha o que você fez, porque você falou!”, “Olha o que você causou com essa denúncia!”.

Ou então, com as crianças fora de casa, esse homem pode se sentir mais autorizado a cometer agressões mais graves

Uma boa alternativa é oferecer suporte para questões do dia a dia sem afastar as crianças 100% da mãe: levar e buscar na escola, levar as crianças para um passeio, para brincar durante um período. A ideia é trazer um alívio para a sobrecarga do trabalho doméstico, estar por perto, e permitir também que essas crianças tragam informações que talvez ajudem a entender melhor o que acontece.

Esse texto foi editado pela Equipe PDH a partir de entrevista e orientações de **JESSICA PAULA DA SILVA MENDES** - Mestre em Psicologia, psicóloga da Defensoria Pública do Estado do Paraná e atuante na sede da Casa da Mulher Brasileira



→ O foco do nosso livro são as meninas e mulheres. Mas sabemos que homens – principalmente quando meninos – também podem sofrer violências. É preciso considerar que meninos e meninas vão viver o trauma da violência de formas diferentes até pelas expectativas e pressões de gênero. Mesmo assim, algumas dessas recomendações podem ser úteis para acolhê-los quando passam por violência.

Como lidar com as dificuldades para denunciar?



A falta de informação é o que, geralmente, mais compromete a decisão de quem precisa fazer a denúncia. Isso porque, nesse contexto, meninas e mulheres se veem envolvidas em muitos mitos que são reforçados pelo agressor.

O medo de perder os bens que ajudou a construir, de ficar sem os filhos, por exemplo, pode fazer com que mulheres desistam da denúncia. As meninas, por sua vez, podem ter medo de que não acreditem nelas, de serem culpabilizadas, de “acabarem” com a família, de perderem seus cuidadores, de terem que se cuidar sozinhas ou do que vai acontecer com o autor da agressão que, muitas vezes, é uma pessoa afetivamente próxima como um pai, irmão, tio ou avô.

Independentemente de denunciar, é muito importante que essa menina ou mulher tenha os seus direitos básicos garantidos, como está na lei. Para isso, o acesso à informação é essencial. A menina ou a mulher deve conhecer os serviços e recursos disponíveis nas seguintes áreas: Sistema Único de Saúde (SUS), Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e do próprio Sistema de Justiça.

Os principais medos de uma mulher que está pensando em denunciar e como superá-los



“Se eu sair da minha casa, eu vou ser acusada de abandono de lar e perder meus direitos?”

Abandono de lar só se entende a partir de 2 anos de afastamento do imóvel. Um dos critérios para interpretar esse abandono é a pessoa ter saído de forma voluntária da residência. No caso de violência doméstica, a mulher está se afastando do imóvel pelo risco que está correndo.

Difícilmente essa situação será enquadrada como abandono de lar e, sim, como uma medida emergencial para proteger a própria vida. Portanto, os direitos dessa mulher em relação ao imóvel serão mantidos nesse contexto.



“Se eu largar meu marido, eu posso perder a guarda dos meus filhos? Ou ficar muito tempo afastada deles?”

A guarda das crianças é definida para garantir o bem delas. A própria situação de violência doméstica deve ser levada em consideração no processo de divórcio e de definição da guarda. O objetivo é garantir os direitos das crianças e da mãe. Sendo assim, o fato da mãe ter saído de casa para se proteger não vai fazer com que ela perca a guarda.



“Se eu não tenho renda fixa, quem vai ter a preferência da guarda das crianças é ele?”

A falta de um trabalho formal ou uma renda fixa não é um fator decisivo para que a mulher não tenha o direito à guarda regulamentada. E, caso a mulher deseje se inserir no mercado de trabalho, existem programas que reservam vagas de trabalho para mulheres em situação de violência doméstica.



“Ele nunca vai querer assinar o divórcio.”

O divórcio de comum acordo é juridicamente mais simples, mas não é a única opção. Um casamento pode ser dissolvido mesmo quando só uma parte quer. E não é preciso apresentar justificativa.



“Ele disse que não vai pagar pensão porque quem escolheu separar fui eu.”

O pagamento de pensão é um direito dos filhos. Não importa quem quis se separar, a pensão é obrigação do responsável que não mora com as crianças. Para isso, é preciso entrar com um pedido judicial.



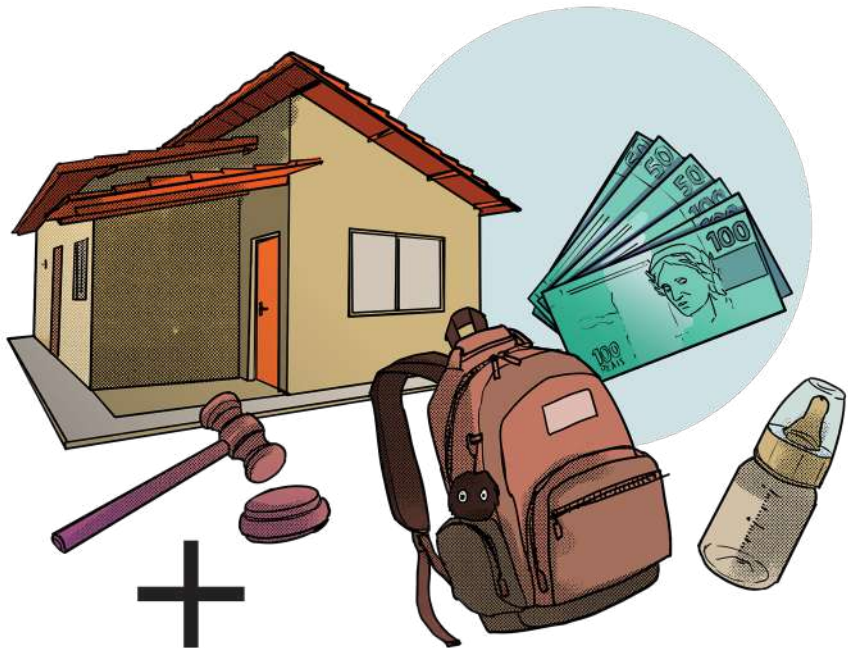
“Se eu for pra casa da minha mãe, vou ter que tirar as crianças da escola...”

Caso essa mulher que passou por violência precise mudar de cidade ou estado e, conseqüentemente, tenha que mudar os seus filhos de escola, eles terão prioridade na fila de vagas.

“Não posso pagar um advogado. Onde encontrar apoio jurídico?”



Uma alternativa é buscar núcleos de práticas jurídicas em faculdades de Direito ou fóruns da sua região. São serviços-escola prestados por estudantes de Direito supervisionados por profissionais da educação. Mesmo em fóruns que não têm Defensoria Pública, geralmente existe um núcleo de professores, professoras e estudantes que prestam esse atendimento à população.



Programas nacionais de proteção que você precisa conhecer:

PROVITA – PROGRAMA DE PROTEÇÃO A VÍTIMAS E TESTEMUNHAS

Quando a mulher denuncia um crime praticado pelo agressor, para além da própria violência doméstica, poderá ser incluída como testemunha de um processo que pode ser iniciado contra ele. A partir disso, se necessário, ela pode ser incluída nesse programa, junto aos filhos, e receber todo o suporte de segurança para não ser encontrada pelo autor da violência.

PPCAAM – PROGRAMA DE PROTEÇÃO A CRIANÇAS E ADOLESCENTES AMEAÇADOS DE MORTE

A sua principal função é a retirada dessa família do lugar de risco e o oferecimento de sigilo, suporte e segurança.



→ Para conhecer alternativas, consulte o capítulo “Onde procurar ajuda? Iniciativa de acolhimento e apoio para mulheres em situação de violência”, na página [58](#).

Ela decidiu denunciar! Agora como posso apoiá-la?

FICANDO POR PERTO

“Quer que eu vá com você à delegacia?”

FACILITANDO O DESLOCAMENTO DELA

“Eu posso te levar até lá ou te emprestar o dinheiro do transporte.”

VALORIZANDO O QUE ESSA MULHER JÁ SABE

Não queira ser a pessoa salvadora da situação. Esteja lá para dar suporte:

“Que bom que você tomou esta decisão por si mesma!
Quer que eu te acompanhe?”.

ACOLHENDO DÚVIDAS:

“Isso não é uma pergunta boba. É importante você ter certeza e se sentir confiante seja qual for sua decisão.”

AJUDANDO A PROCURAR SUPORTE

“Eu não sei... mas, se você precisar, te ajudo a buscar um profissional do Direito ou a Defensoria Pública.”

REGISTRANDO INFORMAÇÕES IMPORTANTES

“Se você quiser, eu vou com você até a advogada ou na Defensoria Pública. Se estiver nervosa, posso anotar pontos importantes pra você não esquecer.”

OFERECENDO ACESSO

“Se você não quiser que fique registrado no seu celular, você pode pesquisar e falar com a advogada pelo meu.”

AJUDANDO COM AS CRIANÇAS

“Quer que eu fique com as crianças enquanto você faz isso?”

Esse texto foi editado pela Equipe PDH a partir de entrevista e orientações de **JESSICA PAULA DA SILVA MENDES** - Mestre em Psicologia, psicóloga da Defensoria Pública do Estado do Paraná e atuante na sede da Casa da Mulher Brasileira

Onde procurar ajuda?



Iniciativas de acolhimento e apoio para mulheres em situação de violência

Chame a polícia pelo 190

em situações de urgência em que violência grave está acontecendo e você não tem controle do risco.

Disque 180 e fale com a Central de Atendimento à Mulher

para receber escuta e acolhida qualificada caso não esteja em uma situação imediata de risco grave.

Se a pessoa estiver numa relação de violência, mas a agressão não estiver acontecendo neste exato momento, alguns recursos de prevenção e conscientização podem ajudar a mulher a entender sua situação de risco e quais são as possibilidades de se planejar para sair dela.

CEVID – COORDENADORIA ESTADUAL DA MULHER EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR

Essas unidades estaduais existem com o objetivo de fomentar políticas institucionais e públicas para o enfrentamento à violência contra a mulher, dando efetividade a todas as questões que a Lei Maria da Penha e outras leis relativas ao tema abrangem.

→ Os contatos das CEVIDs de cada estado estão listados na página [94](#).

Ela precisa de informações e de um plano de emergência?

PENHAS | APLICATIVO (APP)

A plataforma ajuda as mulheres a identificar a violência doméstica e ter informações sobre direitos, além de fornecer um mapa das delegacias da mulher e serviços de atendimento. No aplicativo, é possível cadastrar até 5 pessoas de confiança que serão chamadas em caso de emergência. O aplicativo fica disfarçado na sua tela, e conta com botão de emergência que, ao ser acionado, envia um alerta para os contatos salvos e começa a gravar um áudio de 15 minutos. Essa ação pode servir como prova numa ocasião de denúncia.

Por Instituto Maria da Penha

Acesse bit.ly/PenhasApp



ESTÁ ACONTECENDO | APLICATIVO (APP)

O aplicativo tem vários recursos para ajudar em situações de emergência. Nele é possível cadastrar tanto o endereço como enviar automaticamente um alerta de localização via WhatsApp para as pessoas que você cadastrou na sua lista de contatos de confiança. Com um só clique você pode enviar um alerta de assédio, ameaça e ajuda em situação de perigo.

Acesse bit.ly/estaacontecendoandroid



ÂNGELA | ASSISTENTE VIRTUAL

Não é preciso instalar um aplicativo para falar ou pedir ajuda à assistente virtual Ângela. Basta salvar o número (11) 94494-2415 nos contatos do celular e, pelo WhatsApp, pedir ajuda como se fosse uma mensagem para uma amiga.

Angela faz perguntas para entender o risco e, dependendo da situação, a assistente pode colocar a pessoa em contato com uma psicóloga, oferecer transporte por meio da Uber até uma delegacia, conectá-la com um apoio jurídico ou ajudá-la a mapear os serviços de apoio.

Por Instituto Avon | Uber | IGPA | WK+

Para falar com a Ângela, adicione (11) 94494-2415 nos seus contatos





Precisa de serviços especializados e canais de apoio?



PLATAFORMA MULHER SEGURA | SITE

O site mulhersegura.org ajuda mulheres a encontrar diferentes tipos de serviços, como casas de acolhimento, aplicativos, serviços sociais jurídicos e de apoio psicológico, juizados e coordenadorias com informações importantes e de fácil acesso. Há opção de busca por estado ou por serviços. Também é possível checar a data em que a informação sobre o serviço foi atualizada.

Por UNFPA Acesse: mulhersegura.org



MAPA DO ACOLHIMENTO | SITE

O Mapa do Acolhimento conecta sobreviventes de violência de gênero a advogadas e psicólogas voluntárias. Ele também tem um mapa onde é possível encontrar informações atualizadas sobre o funcionamento e a localização dos serviços públicos da rede de enfrentamento à violência contra a mulher, tais como delegacias, centros de referência, defensorias, serviços de saúde e assistência.

Por Mapa do Acolhimento

Acesse: mapadoacolhimento.org

Ela precisa de um lugar pra ficar segura?

CASA DA MULHER BRASILEIRA

É um serviço público que integra, no mesmo espaço físico, diversos tipos de atendimento: acolhimento e triagem; apoio psicossocial; Delegacia; Juizado; Ministério Público, Defensoria Pública; promoção de autonomia econômica; cuidado das crianças – brinquedoteca; alojamento de passagem e central de transportes.

PROGRAMA ACOLHE

O programa oferece abrigo de até 15 dias em hotéis para mulheres e seus filhos quando estão em situação de risco. A estadia inclui refeições, lavanderia e acesso à internet.

Por Instituto Avon, hotéis Accor e Programa Bem Querer Mulher

Acesse: www.fundoisp.com.br

Este texto foi escrito pela **EQUIPE EDITORIAL DO INSTITUTO PDH**

Miniguia para profissionais da Educação



Como identificar sinais de violência em meninas?

Se queremos favorecer o desenvolvimento das crianças e adolescentes, precisamos enfrentar as violências em todas as suas formas. Sendo assim, é importante entender que **castigos físicos, ameaças ou ridicularização não são ferramentas para educar ou resolver conflitos.**

Agir de forma violenta com crianças, justificando que é pelo bem delas, cria um estado de confusão e culpa em situações de abuso físico: “Isso é para o meu bem? É consequência de algo que eu fiz?”.

Essas agressões interferem negativamente no desenvolvimento, na personalidade e no equilíbrio psicossocial de quem o sofre.

Incentivamos famílias e pessoas educadoras a promover a educação pelo diálogo, escuta e tolerância. Queremos valorizar a fala dos alunos e das alunas, tirando dos seus repertórios que formas violentas de atuar podem ser aceitáveis.

Precisamos deixar de educar pela violência e prestar atenção para identificar e agir quando uma menina estiver em situação de sofrimento.



→ O foco do nosso livro são as meninas e mulheres. Mas sabemos que homens – principalmente quando meninos – também podem sofrer violências. É preciso considerar que meninos e meninas vão viver o trauma da violência de formas diferentes até pelas expectativas e pressões de gênero. Mesmo assim, algumas dessas recomendações podem ser úteis para acolhê-los quando passam por violência.

O que é preciso observar para saber se uma menina está sofrendo violência?

Observe mudanças bruscas de comportamento

Mesmo quando existem dificuldades de comunicação, seja pela pouca idade ou por algum nível de deficiência, a criança violentada física, psicológica ou sexualmente apresenta uma mudança repentina e sem explicação aparente na sua forma de agir.

ALGUNS SINAIS COMUNS SÃO:

Mudanças de humor; choro frequente	Baixa autoestima
Insônia ou excesso de sono	Desenhos ou histórias reveladoras
Parar de falar; deixar de brincar	Irritabilidade; agressividade
Falta ou excesso de apetite repentino	Voltar a usar fraldas; fazer xixi na cama
Medo excessivo de uma determinada pessoa	Comportamento sexualizado
Ansiedade e manias	Notas baixas; falta de atenção
Marcas na pele; queimaduras de repetição, ou uso excessivo de roupas para escondê-las.	Cobrir o rosto com as mãos quando confrontada, além de comportamentos súbitos e sem uma explicação aparente.

Quem são as pessoas que convivem com essa criança ou adolescente?

- Familiares e pessoas vizinhas
- Pessoas amigas
- Pessoas educadoras
- Profissionais da Saúde

Segundo dados do Anuário de Segurança Pública de 2023, em cerca de 86,1% dos casos, a pessoa agressora é conhecida ou parte da **rede de apoio** que deveria proteger a criança ou adolescente. Se alguém dessa rede estiver agindo de forma que não é comum, pense com qual outra pessoa dessa rede você pode entrar em contato.



A criança ou adolescente estará sofrendo violência sempre que tiver um desses comportamentos? Como diferenciar?

É comum que crianças e adolescentes tenham alguma dessas reações diante de um evento estressante, que não necessariamente é uma situação de violência. A diferença pode ser percebida pelo tempo de permanência desses sinais. A criança ou adolescente pode precisar de apoio especializado quando eles se tornam constantes.

Atenção aos desenhos e histórias

Podem ser indicativos de violência sexual: desenhos em que, espontaneamente a criança começa a dar destaque para formas fálicas ou genitais, posiciona as personagens deitadas umas em cima das outras, dá muito destaque em zíper e botões de roupas.

Tente perguntar. “O que está acontecendo nesse desenho? Por que esse bonequinho tá com essa cara? O que ele disse pra ela?”. Isso ajuda a criança a verbalizar sua situação e a revelar um possível abuso.

Como acolher meninas em situação de violência?

Vale lembrar que esses sinais são pontos de partida: alertas que pedem atenção e investigação especializada. Diante desse alerta, é preciso ouvir a criança ou adolescente sem julgamentos. Para poder acolher essa menina, é importante não se desesperar e ponderar sua reação, criando uma relação de confiança e proteção.

É importante que ela entenda que não vai ser punida se relatar alguma situação ruim pela qual está passando.

Para preservar o emocional da menina, evite pedir que ela repita a história muitas vezes

Imagine que uma criança conta um abuso para a merendeira da escola que a leva a repetir para a professora; depois para coordenadora; para a diretora, em seguida para o Conselho Tutelar... Isso pode aumentar o quadro de sofrimento dela, tanto por fazê-la reviver a violência emocionalmente várias vezes, quanto pela exposição do caso para pessoas que nem sempre saberão lidar com esse relato.

O indicado seria que os profissionais da escola conversassem entre si para acionar o Conselho Tutelar que conduz um Depoimento Especial. Neste depoimento, a criança teria que repetir o relato, mas faria num ambiente seguro, com profissionais especializados. O depoimento especial aumenta a probabilidade de responsabilizar o culpado. É importante que ela entenda que não vai ser punida se contar alguma situação ruim pela qual está passando.

Pontos de atenção e cuidado

- Não conduza um interrogatório com a menina.
- Não fale diretamente com a pessoa autora da agressão.
- Não coloque a criança e o possível agressor frente a frente para discutir a questão.
- Pergunte apenas o necessário para a menina e evite alongar discussões sobre o assunto na presença dela.
- Não altere o seu comportamento usual com a menina ou na presença dela por causa da suspeita de abuso.

O que eu posso fazer?

1.

Reporte

sua suspeita à Coordenação pedagógica ou à Direção da escola. A denúncia deve ser feita pelos responsáveis da instituição de ensino.

2.

Notifique

por escrito o Conselho Tutelar, órgão responsável por zelar pelos direitos e proteção de crianças e adolescentes.

3.

Encaminhe para o atendimento de saúde.

Idealmente, a criança deve ser acolhida nos Centros de Atendimento Integrado para Crianças e Adolescentes Vítimas de Violência. Ligue para o SAMU 192 ou para a polícia 190 para saber qual é o mais próximo.

Leis que recomendamos conhecer:

→ Desde de 2019, o casamento com crianças e adolescentes **menores** de 16 anos **não** é mais permitido **em nenhuma hipótese** (Lei 13.811).

→ Desde 2017, a Lei da Escuta Protegida (Lei 13.431) estabelece o sistema de garantia de direitos de crianças e adolescentes **vítimas e testemunhas** de violência. Dessa forma, essas pessoas terão um espaço adequado com profissionais capacitados para atuar em casos de violência.

Acesse metoobrasil.org.br/preciso-de-ajuda

Este texto foi escrito para esta publicação por

METOO
BRASIL

Marina Ganzarolli – Presidente
Suely Straub, Giovanna Saad, Daiane Regina Sanches – Colaboradoras Voluntárias
Fontes: UNICEF e The Good Men Project

3

**Como construir
um futuro sem
violência**

Quero ser um aliado no enfrentamento às violências contra meninas e mulheres. Por onde eu começo?



O QUE FAZER?

UM EXEMPLO

Escute as mulheres quando elas contarem situações de abuso ou violência

É muito comum que homens não acreditem ou ignorem as falas das mulheres deixando a pessoa com mais vergonha e sentimento de culpa. Isso acontece até mesmo quando elas são amigas próximas ou parentes.

"Quando você quiser me contar, eu quero te ouvir e não vou te julgar."

Escolha não se calar e ofereça sua voz em apoio

Quem comete o abuso se protege com o silêncio e a falta de ação. Se você presenciar alguma violência, não deixe de tomar alguma atitude. Coloque-se à disposição da pessoa vitimizada para ajudar.

"Ele é meu amigo, mas o jeito que ele te tratou não foi certo. Se quiser apoio para falar sobre isso, me fale. Eu estou do seu lado."

Pergunte a mulheres próximas se elas já passaram por situações de machismo e escute suas falas sem interromper ou julgar

Experimente fazer isso ao longo do tempo, sem pressa, dialogando com mulheres de diferentes círculos sociais. A experiência pode te surpreender.

"Eu estava lendo sobre questões de violência contra mulheres, assédio, relacionamentos abusivos... Essas coisas já aconteceram com você? Nunca falamos sobre isso."

Foque na maioria, não nas exceções

Sim, existem pessoas que fazem denúncias falsas, assim como homens também são vítimas de violência em um relacionamento. Isso não deve ser invisibilizado, mas a maioria das situações envolve agressões cometidas por homens. Por isso, considere que é mais provável ser verdade quando uma mulher contar que passou por algum tipo de abuso.

"Cara, não tem por que ela mentir sobre ter sofrido um abuso. Isso acontece muito mais do que a gente pensa. Vamos focar em entender como podemos ajudar?"

O QUE FAZER?

Compreenda que um homem autor de violência é um homem comum

A violência está presente em todas as classes sociais, raças, idades e regiões do país. Os homens que são considerados "bons caras" do dia a dia também podem cometer agressões.

UM EXEMPLO

"Eu nunca imaginei que o Cleber, um cara tão legal, pudesse fazer uma coisa dessa...
Pra gente ver como a violência não tem cara e está em toda parte..."

Incentive homens a repensar constantemente e a se responsabilizar por ações agressivas

Se um amigo começar a agir de forma violenta, converse sobre e diga que a violência não é um bom jeito de resolver os problemas. Queremos que as posturas violentas parem e não venham a piorar no futuro. Sugira que ele repense suas ações, e até que procure um grupo para ajudar nessa responsabilização e a promover mudanças positivas. Quando sentir que cabe, envie este material para que ele utilize como uma ferramenta neste caminho de reflexão e transformação.

"Irmão, o jeito como você tem tratado a Júlia não está certo. Você está sendo controlador e violento com ela e isso vai acabar mal pra você também. Você tem que admitir seus erros, procurar ajuda e sair dessa. Isso não é normal não..."

O que é um homem aliado?

Um homem comum disposto a olhar para si, refletir, enfrentar incômodos e fazer as mudanças necessárias, agir para que as pessoas ao seu redor possam estar em um ambiente mais justo e equilibrado.

O que não é um homem aliado?

Um homem que se julga superior aos outros, que nunca erra, que tem todas as respostas e caminhos e que vai ensinar todo mundo a ser exatamente igual.

Também é o homem que não está disposto a pensar sobre as suas vantagens sociais em relação à realidade das mulheres, não quer se incomodar e não questiona as formas de ser homem que não são saudáveis.

Esse texto foi editado pela Equipe PDH a partir de entrevista e orientações de **SÉRGIO BARBOSA** - Facilitador de Grupos Reflexivos para homens autores de violência.

Como conscientizar outros homens sobre violência contra meninas e mulheres?



Ainda vivemos em uma realidade na qual muitos homens só ouvem outros homens, principalmente quando estamos falando de machismo e violência.

Uma boa forma de colaborar para conscientização sobre violência contra meninas e mulheres é abrindo caminhos e espaços de conversa entre homens. Quando falamos de machismo e violência, isso importa porque muitos homens só ouvem pessoas com quem se identificam ou têm afinidades, e seus amigos.

“Ah, mas vão me ver como o chatão do rolê...”

Ninguém quer ser a pessoa que fala sobre esses assuntos o tempo todo, mas não precisa ser assim. Podemos contribuir com os espaços de diálogos ao dar um incentivo de vez em quando ao puxar uma conversa.

“Não quero falar sobre isso agora.”

É preciso ter vontade para ter conversas difíceis, assim como também é importante respeitar quando alguém não quiser ou não estiver no “clima” para falar sobre o assunto. Afinal, insistir no tema num momento ruim pode afastar esse cara, ou gerar uma discussão negativa.

COMO PUXAR ESSA CONVERSA?

Atividades em grupo – o futebol, uma pedalada no bairro, a reforma da igreja, a festa da comunidade, o bar, entre outras – podem ser ótimas oportunidades para criar amizades e conversar de forma natural e despreocupada.



Exercício “Mão na massa”:

Dê o primeiro passo e fale sobre as **suas** próprias vivências, questões e reflexões.
– **Eu estava pensando esses dias em atitudes ruins que eu tive no meu primeiro namoro. Você já parou para pensar nisso?**

A MUDANÇA NÃO SERÁ RÁPIDA...

Muitos homens cresceram com o ideal de serem os provedores, reprodutores, protetores e autossuficientes, além de outras crenças (coisas que uma pessoa acredita ser verdade, porque aprendeu que deveria ser assim). Isso também envolve expectativas de como a parceira deve agir e como controlar o relacionamento.

É necessário um processo de mudança pessoal para mudar a cultura de machismo e violência. Isso pode levar tempo e algumas crenças podem permanecer.

Talvez esse cara ainda acredite que precisa ser o protetor da família. No entanto, se ele entender que não precisa controlar a relação e que pode respeitar as decisões da parceira, mesmo quando elas contrariam sua vontade, isso já é muito significativo.

12 atitudes que ajudam a cultivar boas conversas:

1.

Evite falar difícil.

Prefira palavras que são parte do dia a dia da pessoa. Foque mais nas ideias e menos em aplicar corretamente algumas palavras.

2.

Verifique se é um bom momento para o assunto.

Isso é importante para que todas as pessoas envolvidas estejam com disposição de ouvir e contar suas ideias e experiências. “Quería conversar com você, mas vamos fazer isso com calma? Você tem tempo hoje?”

3.

Ouçã com atenção o que e como a pessoa está falando.

É importante também lembrar sobre o nível de confiança que se tem para dizer algumas coisas. Você pode perceber formas de como continuar essa conversa em outras oportunidades.

4.

Evite julgar.

É bem possível que você ouça coisas com as quais não concorda e que incomodam nesse primeiro momento. Se você reprovar logo de cara, pode ser que esse homem se feche mais ou se recuse a falar novamente sobre o assunto.

5.

Evite se colocar como superior.

A conversa precisa ser de igual para igual, dividindo acertos e erros, pensando em possibilidades de melhorias e mudanças.

6.

Não coloque a religião nem como vilã, nem como salvadora da história.

Tente pensar em como os valores da crença dele – amor, caridade, solidariedade, família, respeito – podem ajudar em uma reflexão que o estimule a ser um homem melhor.

7.

Destaque os pontos positivos da mudança.

Você pode fazer isso mostrando como muitas ideias que aprendemos sobre ser homem também o prejudica – impedindo de falar o que sente, fazendo com que se cuide menos, pressionando a ser infalível – assim como a mudança também traz coisas boas.

8.

Elogie pequenas mudanças.

Mudar, ainda que para uma versão melhor de nós mesmos, traz inseguranças e nos deixa muito vulneráveis. Se alguém diz que estamos no caminho certo, nós nos sentimos estimulados a seguir.

9.

Explique de onde vem sua forma de pensar.

Dê exemplos reais do dia a dia. Fale em primeira pessoa sobre momentos de brigas que você viveu, explicando quais foram os valores que fizeram parte daquela experiência.

“Eu acho que é ruim quando você discute de cabeça quente. Por exemplo, quando minha ex pediu o divórcio, eu fiquei desestabilizado. Aí eu pedi pra gente continuar a conversa no dia seguinte, porque pra mim era importante discutir sobre isso de cabeça fria.”

10.

Converse com afeto e compartilhe sua história de vida.

A teoria pode afastar as pessoas e ainda deixar a conversa fria e distante. Prefira compartilhar exemplos que fazem parte das memórias de infância, dos tempos de escola, da sua relação com seu pai e avós.

11.

Valorize algumas mudanças sociais.

Alguns exemplos: a conquista dos direitos das mulheres; a mudança na criação de meninos, mostrando como isso não tem nada a ver com a “destruição das famílias” ou “perda de valores”, mas com outros conceitos de respeito, dignidade e construção de uma sociedade melhor.

12.

Partilhe e busque conversar sobre o processo de cuidar e educar.

Conte sobre as coisas que você gostaria de fazer diferente com os seus filhos e filhas, e como isso pode fazer a diferença na vida dessas crianças.

Esse texto foi editado pela Equipe PDH a partir de entrevista e orientações de **SÉRGIO BARBOSA** - Facilitador de Grupos Reflexivos para homens autores de violência.



Quais as principais dificuldades ao conversar sobre violência contra as mulheres com pessoas que não querem ou não se importam em discutir o assunto?

Trazemos alguns resultados com base na enquête divulgada por meio de leitoras e leitores do PapodeHomem. A pesquisa foi respondida por 3.500 pessoas, em novembro de 2019:

56,2%

"Ao escutar certos termos, como gênero, feminismo ou machismo, a outra pessoa já para de escutar e fica muito na defensiva."

43,5%

"Sente falta de conteúdos didáticos e envolventes que expliquem temas difíceis de maneira clara."

40,8%

"Não acha que a pessoa vai prestar atenção no que tenho pra falar sobre isso — seja online ou presencialmente."

35,4%

"Raramente surge um diálogo construtivo após compartilhar esses conteúdos."

24,2%

"Se eu entrar nesse assunto com quem está resistente, posso perder a paciência e acabar brigando."

22,7%

"Costumo ser ignorada (ou ignorado)."

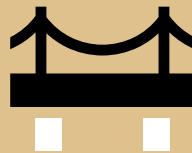
11,9%

"Não quero ficar com fama de pessoa chata ou implicante."

5,9%

"Prefiro nem compartilhar esse tipo de conteúdo com amigos ou pessoas da família pra não acabar perdendo a relação."

Como conversar com homens que cometeram violências?



"Mas tem conversa com alguém que faz algo assim? Que bate em mulher?"

Ninguém é somente um monstro agressor que acorda todos os dias pronto para violentar mulheres. Um cara que teve atitudes agressivas ou violentas tem outros capítulos na sua história – momentos amorosos, momentos em que ele sofreu – e outras formas de interagir que também fazem parte dele. Talvez você se lembre de momentos em que esse cara deu muito apoio para a família e foi carinhoso com muita gente.

Muitas vezes acontece uma naturalização da violência na vida dos homens, que faz com que passem a considerar atos violentos como "coisas normais". Alguns exemplos: dirigir mesmo estando bêbado, gritar ou xingar em discussões, quebrar coisas, recusar sair de casa a não ser que a namorada troque de roupa, acessar o celular dela sem autorização, dizer que ela não tem valor ou que nunca vai achar alguém como você.

"Mas dá para resolver conversando?" Isso depende. Há uma série de perguntas importantes para termos melhor compreensão de cada caso. Por exemplo: qual a gravidade e o tipo da violência que ele fez? Há quanto tempo isso segue acontecendo? Quais os danos físicos, emocionais ou patrimoniais? Alguns casos não são para conversar, mas outros podem ser.

Reconhecer os erros, se responsabilizar e assumir as consequências das ações são partes necessárias de um possível processo de reflexão e transformação. Por isso, conversar com um homem que está sendo abusivo, é uma parte importante (e delicada) na prevenção da violência contra as mulheres. Isso precisa ser feito com cuidado.

Conhece alguém que age ou fala de forma violenta?

Você pode conversar com ele para ajudá-lo a perceber que essas atitudes não são legais. Mostre que tudo isso tem consequências negativas para essa mulher ou menina e para ele. Pode ser estratégico falar que é possível resolver os problemas de outra maneira, e dar exemplos de alguns caminhos por onde começar essa mudança.



Sugerimos algumas dicas – sem o objetivo de que sejam uma fórmula para todas as situações. Como a teoria pode ser difícil de encaixar na vida real, também sugerimos alguns exemplos de como fazer isso na prática. Alguns desses pontos também podem ser úteis em relações homoafetivas (relações entre pessoas do mesmo gênero) nas quais há uma situação de violência:

1. Escolha o momento e o local adequado.

Conversar diretamente com a pessoa, e sem pressa, pode ser eficaz. Caso seja uma situação de alto risco, é melhor estar com mais alguém.

"Quería trocar uma ideia séria contigo. Quando você pode?"

2. Busque conversar quando a pessoa estiver calma.

Prefira conversar quando houver mais calma, a pessoa estiver sóbria (não está embriagada ou sob efeito de drogas ou álcool) e sem armas ou objetos perigosos por perto.

"Agora você está de cabeça quente e eu não quero brigar contigo. Amanhã eu passo aqui e a gente conversa."

3. Converse de forma objetiva e direta.

Diga sobre o que você viu ou sabe e sobre o que te preocupa.

"Você gritou com ela na frente de todo mundo como se ela tivesse que te obedecer... Pô, cara, isso não tá certo e a gente precisa falar sobre isso."

4. Reforce a sua preocupação.

É importante que você mostre que se preocupa com o bem-estar da relação ou da família. Além disso, reforce que se preocupa com ele também e que essa situação vai prejudicar todas as pessoas envolvidas.

"E se ela não quiser fazer o que tu quer? Como essas brigas vão ficar? Ela também é minha amiga e isso vai acabar mal pra vocês dois. Eu não gostaria de te ver indo pra cadeia, mas se você encostar nela, eu não vou ficar do teu lado."

5. Diga que a violência precisa acabar.

Fale que a violência física, psicológica ou financeira precisa parar.

"Essa situação não é normal: o 'não pode isso', 'MULHER minha não vai fazer aquilo'. Isso tem que parar. Se alguma coisa está acontecendo e te deixando nervoso, vamos conversar sobre isso, mas parece que você tá descontando nela e tá errado..."

6. Não brigue com a pessoa.

Não brigue ou tente forçar a pessoa a fazer algo. Isso pode piorar a situação para a mulher envolvida, gerando retaliações.

"Eu não estou aqui mandando esse papo para brigar contigo. Eu estou aqui como amigo mesmo, quero o bem de vocês dois, e quero te ouvir também. Ficar assim é que não pode, amigo."

7. Reforce que sempre podemos escolher agir de outro modo.

Diga que sempre podemos agir sem violência, não importa qual seja a justificativa. Mostre que os atos de violência são responsabilidade dele.

"É que tem outras formas de você fazer isso. Se você quer um pouco de espaço, marca de sair só com a gente. Se você se preocupa com dinheiro, senta e conversa. Não fica engolindo até explodir..."

8. Convide a pessoa para se colocar no lugar da outra.

É importante que esse homem perceba que tem outras formas de resolver determinadas questões e que ele não perde a sua identidade ao agir sem violência. Isso abre novas possibilidades.

"E qual é o problema dela ter um tempo sozinha, sair com as amigas? Olha pro Marcinho, ele não vem sempre sem a Ana? E a gente acha ótimo que ele pode curtir sem se preocupar."

9. Diga que violência e controle não são caminhos.

Essas atitudes não tornam a família mais segura e, muito menos, feliz. Muito pelo contrário: só traz brigas e tristeza.

"Se você não está contente, talvez seja a hora de terminar. Mas você não vai resolver as coisas e ficar feliz desse jeito, tentando forçar ela a fazer o que você acha melhor pra si mesmo."

10. Incentive a tolerância e a flexibilidade.

Mostre que se essa pessoa mudar de ideia ou ampliar sua visão quanto a formas de agir, ela estará ganhando possibilidades e não vai perder personalidade ou identidade.

"Não é porque você sempre foi assim que não pode mudar nunca. Tem coisa boa em mudar também. Você pode olhar mais pra você, fazer o que gosta, se cuidar mais..."

11. Permita que a pessoa fale.

O processo de reflexão não acontece quando a pessoa só escuta. Mesmo que ela esteja errada, é importante que tenha o direito de falar sobre o que aconteceu. Deixe-a falar e não julgue. Esse é um exercício importante para continuar a conversa sem que ela se afaste do processo de mudança.

"Eu quero te escutar, saber da sua vida, o motivo de você estar assim e o que você está precisando..."

12. Dê espaço para as emoções.

Não é simples perceber que a pessoa criou um relacionamento abusivo, ou que está num ciclo de abuso. É preciso ter coragem para entrar em contato com as emoções e fazer as reflexões necessárias.

"Está tudo bem. Pode chorar, pode ficar com raiva. Isso é normal... essas coisas a gente sente. É melhor você desabafar aqui do que se segurar e depois perder a cabeça. "

13. Busque se educar.

Ainda que você não seja uma pessoa que faz facilidades profissionalmente, é importante buscar entender melhor as questões de gênero, olhar seus preconceitos e iniciar essa conversa com segurança e estabilidade.

"Eu não sei muito sobre o tema, mas quero seguir aprendendo, buscando mais informações e a gente pode fazer isso juntos."

“Muitas vezes, é preciso dar sentido à vida desse homem para conseguir salvar a vida das mulheres. Se ele não se importar com a própria vida, ele não vai se importar com a vida de ninguém”.

SÉRGIO BARBOSA, facilitador de grupos reflexivos e responsabilizantes de homens autores de violência



Se for necessário intervir, faça-o.

As dicas acima focam em como a educação pode prevenir situações de violência física, psicológica e sexual. Caso você esteja diante de um caso em que violências estão acontecendo e a intervenção é urgente, considere os aprendizados deste livro, o contexto social e necessidades da pessoa vitimizada e então intervenha.

Essas dicas foram dadas por **SÉRGIO BARBOSA** - Facilitador de Grupos Reflexivos para homens autores de violência há 25 anos, e também teve como base os materiais públicos produzidos pelo governo da província de Nova Escócia (Canadá), no contexto do combate à violência doméstica. Fonte: bit.ly/38bsrDF

Qual é a diferença entre grupos de masculinidades e grupos responsabilizantes para homens autores de violência?



Grupos de masculinidades

OBJETIVO: refletir sobre o que é ser homem, suas várias formas de expressão, de se conectar com as emoções, além de pensar em como lidar com aqueles pensamentos e posturas machistas que aprendemos ao longo da vida, procurando entender também as questões das mulheres e de outros grupos minorizados.

A participação é voluntária e o mediador não precisa, necessariamente, ser alguém especializado para conduzir um encontro.

Grupos reflexivos e responsabilizantes para homens autores de violência

OBJETIVO: mediar encontros em grupo para homens autuados pela Lei Maria da Penha refletirem sobre o que aconteceu. O foco é trazer questões relacionadas à socialização de gênero, masculinidades, emoções, controle de raiva e manejo de conflitos. Esse tipo de grupo quer reduzir a reincidência de violência, incentivando um processo de responsabilização transformadora.

A participação acontece por encaminhamento judicial e a pessoa mediadora precisa ter uma especialização no tema.

Se você quer estar diretamente envolvido no processo de mudança:

Você pode ser parte de um espaço coletivo para repensar atitudes individuais e organizar ações práticas de mudança. Você pode fazer isso se juntando a um grupo de masculinidades que já existe ou fundar um novo grupo na sua região.

QUAIS TEMAS ESSES GRUPOS COSTUMAM ABORDAR?

- **Divisão das tarefas em casa**
- **Questões sobre ciúmes nos relacionamentos**
- **Divisão de responsabilidades na criação dos filhos**
- **A forma de lidar com as reações emocionais mais explosivas**
- **Estratégias de resolução de conflitos**
- **O jeito como trato as pessoas quando sou contrariado ou desagradado**
- **Reflexões sobre assédio**
- **Maior comprometimento com a equidade de gênero**

Sobre grupos obrigatórios feitos para homens autores de violência: Por que esses caras frequentariam esses grupos?

Em boa parte das vezes, esse cara começa a frequentar o grupo, ou por ordem de juiz ou juíza, ou porque frequentar esse espaço pode ajudá-lo no processo do qual ele é réu. Mesmo quando os homens chegam ao grupo, por uma obrigação com a lei, muitos continuam frequentando, pois passam a entender a importância do processo reflexivo.

OS GRUPOS PERMITEM QUE ESSES HOMENS:

1.

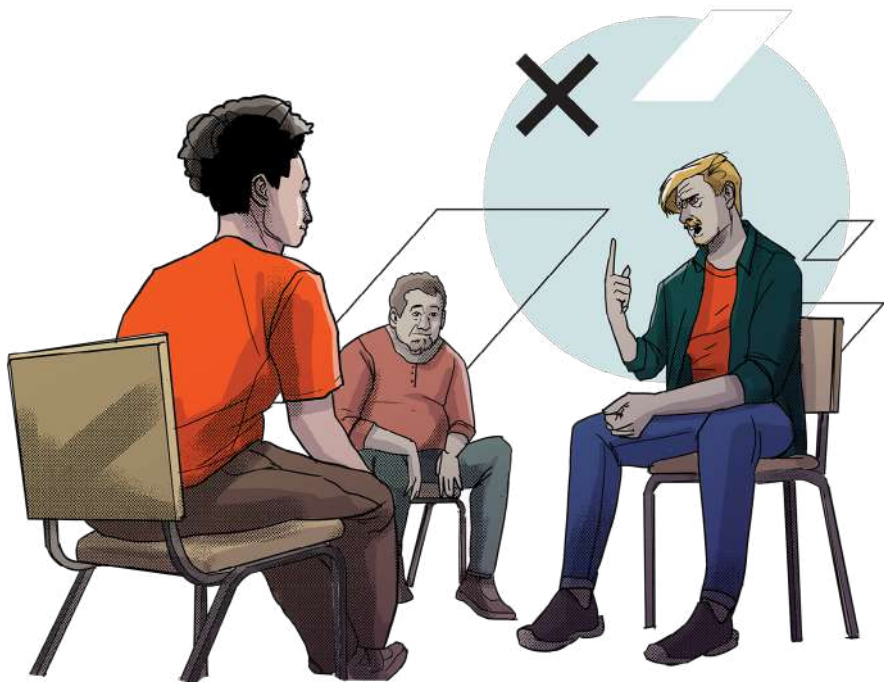
Reconheçam o comportamento prejudicial: alguns homens podem ter uma consciência de que seu comportamento é prejudicial e desejam entender melhor e abordar as razões por trás de suas ações.

2.

Identifiquem oportunidades de mudança: alguns homens podem estar buscando uma oportunidade de mudar seu comportamento violento. Os grupos reflexivos podem fornecer um ambiente seguro para que eles aprendam novas habilidades e adotem comportamentos alternativos aos violentos.

3.

Repensem sua forma de relacionar-se com família e amigos: os grupos reflexivos podem oferecer a oportunidade de os homens entenderem como lidar com suas emoções, resolver conflitos e desenvolver habilidades saudáveis de comunicação, o que pode impactar positivamente seus relacionamentos pessoais e sua vida como um todo.



Sobre grupos abertos, criados para homens que querem repensar sua masculinidade: Como fazer com que os homens se interessem em participar?

Quando o grupo não é obrigatório – diferente daqueles responsabilizantes de homens autores de violência – como lidar com o desafio de fazer com que os homens se engajem?

DICA: para grupos abertos, integrar a roda de conversa com a realidade da qual esses homens fazem parte é uma ótima forma de engajá-los e aproximar as pessoas dessas conversas.

Em alguns contextos e situações, dá pra trabalhar de maneira leve, puxando conversas com histórias. Vale destacar que esse trabalho mais descontraído é recomendado para os grupos que reúnem homens que estão ali, voluntariamente, querendo repensar o machismo e como isso atravessa seu dia a dia.

Sérgio Barbosa, facilitador de grupos para autores de violência há 25 anos, traz exemplos da sua experiência convidando homens diversos a participarem de grupos de masculinidades que são abertos. Na página a seguir, ele relata sua experiência.

“Eu chegava no lugar, num espaço público da região, como uma associação de amigos do bairro, onde os homens iam jogar baralho e bilhar, e puxava a conversa com leveza e brincadeira:

EU DIZIA:

– Oh, podemos conversar rapidinho?

Alguém da roda falava:

– O Sérgio tem uma coisa pra falar. Vamos escutar 10 minutos.

– Eu trouxe um vídeo pequenininho. Vamos assistir?

Ou então eu levava uma música, um pagode e puxava um papo. Não é preciso ser a pessoa chata que fala muito e acha que entende de tudo.

Vou dar um exemplo, uma das pessoas na conversa diz:

– Meu filho tá assim, tal... E eu tô com medo dele virar gay.

E EU DIGO:

– Virar gay?! Como é que vira gay?

Tirava um sarro da dúvida. Não questionava, não batia de frente, nunca. Mas depois, na “curva do rio”, eu dizia:

– Então vamos lá: pra gente falar isso de virar gay, vamos entender o que é ser gay? O que é ser lésbica? Que negócio é esse de viração? Você virou alguma coisa?

E aí caíam as fichas. Os homens que participavam desses encontros me agradeciam porque eu mostrava coisas que também os beneficiam.”



Esse papo mais descontraído em espaços como boteco ou pagode não é recomendado para qualquer tipo de conversa, como sobre situações de violências.

Esse texto foi editado pela Equipe PDH a partir de entrevista e orientações de **SÉRGIO BARBOSA** - Facilitador de Grupos Reflexivos para homens autores de violência.

Origens: a história dos grupos reflexivos e responsabilizantes no Brasil



Até a década de 1990, os esforços para reduzir as violências contra meninas e mulheres se concentravam em cuidar da pessoa agredida. Eram ações que incentivavam denúncias e algumas medidas de prevenção. Inspiradas pelo movimento feminista, chamavam atenção para as consequências da violência na sociedade, na saúde, na economia e na política.

Nos anos 2000, Flávio Urra teve contato, pela primeira vez, com um grupo de mulheres e homens que se reuniram para refletir sobre violência de gênero, na cidade de Santo André, no estado de São Paulo.

O psicólogo e sociólogo faz parte de um time de homens que percebeu que era preciso - e urgente - aproximar os homens da discussão. Foi no mesmo ano que seis organizações não governamentais (ONGs) se uniram para trazer ao país a campanha Laço Branco - homens pelo fim da violência contra mulheres.

Na época, Urra trabalhava no Centro de Educação para a Saúde (CES) com outro importante nome desse movimento: Sérgio Barbosa, professor de Filosofia e Sociologia e também coordenador do projeto Tempo de Despertar.

Em 2003, no Rio de Janeiro, o Instituto Noos começou a realizar grupos reflexivos de homens. O objetivo era mostrar a importância de incluir os homens nessa discussão. Urra acompanhou a possibilidade de transformação que surgia nos encontros:

“Achei fantástica a experiência e regressei com a ideia de aplicar também em Santo André. Criamos, junto à Coordenadoria de Políticas Públicas para Mulheres, o primeiro grupo reflexivo do estado que reunia homens autores de violência”, disse Urra.

Em 2014, surgiu o programa “E agora, José?”, uma parceria entre a Secretaria de Políticas para as Mulheres com o Tribunal de Justiça da Comarca de Santo André e a Coordenadoria de Reintegração Social e Cidadania. Essa iniciativa visava realizar atendimentos semanais para homens autores de violência e também foi um dos primeiros grupos do Brasil a formar homens e mulheres como facilitadores para este tipo de grupo.

“Originalmente, este tema era tratado com desconfiança dado o risco de converter a violência de gênero em uma ‘questão de terapia’. Isso poderia ser desresponsabilizante, livrando a pessoa que cometeu o ato da responsabilidade. Hoje, percebe-se que o trabalho com homens autores de violência produz mudanças necessárias não apenas na conduta dos homens, mas no próprio aparelho jurídico.”

BENEDITO MEDRADO, psicólogo e cofundador do Núcleo Feminista de Pesquisas sobre Gênero e Masculinidades (GEMA)

Com a publicação da Lei Maria da Penha em 2006, o enfrentamento à violência de gênero se tornou uma política pública. A lei menciona a participação de homens autores de violência em programas de atenção. Ainda que partindo de uma lógica punitiva, Adriano Beiras pontua a importância da definição legal dos grupos reflexivos.

“Cada vez mais é consenso de que, junto dos serviços já dedicados às pessoas em situação de violência, também é importante intervir em homens autores de violência contra mulheres. O tema é complexo e é necessário agir em diferentes frentes para contemplar todas as pessoas envolvidas”, diz Adriano.

Como os grupos reflexivos e responsabilizantes para homens autores de violência funcionam?



Ao longo deste livro, vimos que o feminicídio costuma acontecer após um aumento nos níveis de violência de uma relação que, muitas vezes, começa com uma violência de menor intensidade, com um grito ou uma ameaça verbal.

Os grupos reflexivos e responsabilizantes para homens autores de violência são uma estratégia para transformação social e individual. Eles são mediados por pessoas com experiência na área. O foco é interromper esse ciclo de violência trazendo responsabilização e reflexão para homens que foram denunciados.

"Os homens que foram denunciados querem participar disso?"

A partir de 2020, a Lei Maria da Penha tornou obrigatório que, quando determinado por juiz ou juíza, o réu frequente grupos ou compareça a atendimentos da equipe psicossocial.

Ainda quando a participação é obrigatória, vale entender que o grupo não se trata de uma punição, mas é um espaço de reflexão. O objetivo é que esses homens possam repensar a forma como estão lidando com os conflitos, com os problemas conjugais, familiares, sexuais e a origem da sua conexão com a violência.

É comum os participantes não acharem que deveriam estar no grupo. Eles dizem que a denúncia foi injusta ou que a atividade não mudará nada pra eles, mas

“muitas vezes esses homens, depois de algumas sessões, começam a observar positivamente a ideia de estar ali no grupo, participando de de um espaço, que eles nunca tiveram antes na vida, de diálogo e troca com outros homens”, conta Adriano Beiras.

“Então o grupo é uma terapia?”

Não. Terapia é um processo de reflexão de uma pessoa com ela mesma, mediada por psicoterapeuta para que ela possa analisar seus comportamentos, relações, crenças, que possam estar causando sofrimentos a si mesma. Os grupos reflexivos e responsabilizantes são diferentes. Eles promovem um processo de mudança cultural para que esses homens possam rever seus próprios comportamentos junto de outros homens.

Isso não significa passar a mão na cabeça de ninguém. Ao contrário, é um processo de mudança cultural coletivo, em que os homens podem entender que, quando cometem um ato violento contra uma mulher, isso também afeta todas as meninas e mulheres da sociedade.

“O cara bate na mulher até quase matar e a justiça encaminha ele para um grupo de conversa?”

Não é bem assim. Quando a agressão é uma violência grave – tentativas de feminicídio, violências repetidas, violência contra vulnerável – esses homens vão responder pelo crime e não são encaminhados para esses grupos. Os grupos são recomendados para casos de violência relacional nas formas menos graves e em casos de medida protetiva, no qual o autor da violência é afastado ou precisa manter uma distância mínima estabelecida judicialmente para proteger a pessoa que foi agredida.

Além disso, a violência contra meninas e mulheres é frequente e muito maior do que o número de denúncias. Os grupos são uma alternativa para lidar com tantos casos, mudando a cultura e a estrutura.

“Como esse negócio de grupo funciona?”

Quando os grupos estão ligados à Lei Maria da Penha, enquanto o autor da agressão está cumprindo medida protetiva, faltar no encontro do grupo traz consequências legais, como ordem de prisão. Cada pessoa tem que frequentar uma quantidade mínima de encontros, entre 10 e 16, que acontecem mais ou menos a cada 15 dias.

“Participar de um grupo assim vai fazer alguma diferença ou é perda de tempo?”

Quando os homens são redirecionados para os grupos reflexivos e responsabilizantes, consegue-se interromper o ciclo da violência. Casos graves, como feminicídio, raramente acontecem depois que esses homens participam dos grupos. Esses crimes acontecem, geralmente, quando não há encaminhamento.

“65% dos homens que cometeram uma agressão acabam reincidindo e cometendo outra. Quando os autores de agressões passam a frequentar os grupos, a **reincidência cai para até 2%.”**

Gabriela Manssur, que iniciou o projeto **Tempo de Despertar**, em entrevista no documentário **O Silêncio dos Homens**.

Esse texto foi editado pela Equipe PDH a partir de entrevista e orientações de **SÉRGIO BARBOSA** - Facilitador de Grupos Reflexivos para homens autores de violência - e de **ADRIANO BEIRAS** - Doutor em Psicologia Social, pesquisador de grupos de homens e masculinidades.

Como criar um grupo de homens?



Para responder essa pergunta, conversamos com Sérgio Barbosa, professor de Filosofia e Sociologia e também coordenador do projeto Tempo de Despertar. Ele compartilhou algumas dicas sobre a criação de grupos de homens.

“Eu posso montar um grupo?”

Pode. Para montar um grupo de homens, é preciso vontade e disposição para rever suas próprias atitudes, buscar informação, capacitar-se, reunir outros homens. E seguir constantemente nesse processo.

Se o objetivo é começar esse grupo, é importante abandonar ideias machistas e mostrar novos modelos de masculinidades, **sem apoiar atitudes ruins só porque, por exemplo, não queremos contrariar um amigo.**

“Só homens podem coordenar grupos assim?”

Segundo Sérgio Barbosa,

“Não necessariamente. Existem muitas mulheres que mediam grupos responsabilizantes. Temos um grupo coordenado por uma mulher trans. Não existe um perfil específico para se mediar um grupo mesmo se você for homem. Em Presidente Prudente, quem coordena o grupo é um casal de homens gays; já em Pirassununga, interior, é um pastor.

O mais importante aqui é você estar disposto a se adaptar à realidade das pessoas que estão participando”.

O que você precisa para montar um grupo de homens:

COMECE DO COMEÇO: QUAL DOS DOIS TIPOS DE GRUPO VOCÊ QUER COMEÇAR?

Um grupo de masculinidades aberto ao público ou um grupo reflexivo e responsabilizante para homens autores de violência?

Se precisar, volte na página [80](#) para lembrar a diferença entre eles.

A. GRUPOS DE MASCULINIDADES

Objetivo: mediar discussões e reflexões que ajudem a reduzir o machismo entre homens no geral.

B. GRUPO REFLEXIVO E RESPONSABILIZANTE PARA HOMENS AUTORES DE VIOLÊNCIA

Objetivo: mediar um processo de transformação psicossocial entre homens atuados pela Lei Maria da Penha.

1. Estudar e se preparar para facilitar a roda

Não é preciso fazer cursos específicos. Apesar disso, é importante estudar e ampliar seu repertório de conhecimentos sobre temas de gênero e suas intersecções*. Ouça, assista, leia ou converse com pessoas que tenham perspectivas e experiências diversas.

**Intersecções: veja a definição na nossa [lista de palavras](#).*

É essencial buscar um curso estruturado para atuar com homens autores de violência.

RECOMENDAMOS O CURSO DE METODOLOGIA DE GRUPOS REFLEXIVOS DE GÊNERO DO INSTITUTO NOOS

noos.org.br

Veja mais informações nos Materiais Complementares na página [105](#)

2. Oferecer material educativo



Para os dois grupos, procure conteúdos – textos, filmes, músicas, posts – que ajudem a puxar conversas sobre os temas e tente trazer perspectivas diferentes considerando raça, classe, religião, idade e, até mesmo, pontos de vista. Ter conteúdos criados por homens e/ou para homens (como este livro) ajuda a quebrar estereótipos de que papos de gênero não servem para o público masculino.

3. Definir a estrutura inicial do grupo



Os encontros vão acontecer com qual frequência? Onde eles vão acontecer? Existe um calendário de temas? Quem vai conduzir as conversas?



Como esse grupo vai se conectar ao sistema de justiça? O que é necessário para formalizar essa atuação? Você pode procurar a Coordenadoria de Violência Doméstica (CEVID) da sua região para conseguir essas informações.

**VEJA A LISTA DE CEVIDS
NA PÁGINA [93](#)**

4. Monitorar o andamento



Vale sempre prestar atenção em como os participantes têm transformado as reflexões em ações. Incentive-os a irem além da teoria, passando de uma pessoa aliada que fica só no discurso para uma pessoa aliada que coloca o aprendizado em prática.



Desenvolva um monitoramento cuidadoso, garantindo que os participantes cumpram o ciclo definido, e que tenham um espaço para onde voltar quando precisarem conversar.

Este texto foi escrito por **SÉRGIO BARBOSA**
Facilitador de grupos reflexivos para homens autores de violência.

Mapeamento de grupos para homens



Em 2020, o Grupo Margens, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), fez um mapeamento nacional de grupos, iniciativas e programas para homens autores de violência contra mulheres.

Nós, do Instituto PDH, revisamos a pesquisa do Grupo Margens para conferir as iniciativas que estão atuantes hoje (em 2023) e complementar também com grupos de masculinidades abertos a todos os interessados.





Acesse o mapeamento de grupos atualizado em
institutopdh.com.br/mapeamento/

Nesse mapa, você encontra grupos de masculinidades que atuam online para todo o Brasil, outros que têm encontros presenciais, iniciativas responsabilizantes para homens autores de violência, institutos de formação metodológica e CEVIDs.

“Faz falta que todos esses grupos tenham estabilidade e se tornem políticas públicas. Muitos grupos começam e terminam em um ou dois anos porque falta incentivo ou por ser um trabalho voluntário que depende da boa vontade de um operador do direito, um professor universitário, de um psicólogo ou assistente social.”

ADRIANO BEIRAS, em entrevista para o PapodeHomem

Listamos **4 grupos online que podem ser buscados voluntariamente por qualquer homem do país:**

NOME:	CIDADE/UF	E-MAIL
Coletivo Feminista SP	São Paulo / SP	→ mulheresorg@gmail.com → nucleodemasculinidades@gmail.com (11) 3812-8681
CREAS Blumenau / SEMUDES	Blumenau / SC	→ semudes@blumenau.sc.gov.br → grupodehomens.semudes@blumenau.sc.gov.br (47) 3381-6605
O Programa Núcleo de Atendimento à Família e aos Autores de Violência Doméstica (NAFAVD) – Brasília	Distrito Federal / DF	→ subev@mulher.df.gov.br → cequip@mulher.df.gov.br (61) 3312-9998
Projeto Memoh	Rio de Janeiro / RJ	→ contato@memoh.com.br (71) 8280-2341

→ A lista que disponibilizamos não é definitiva e completa, mas poderá te ajudar a encontrar uma iniciativa ou grupo próximo a você.

→ Você pode acessar o mapeamento do grupo Margens, que foca em grupos para homens autores de violência por meio deste link: bit.ly/Mapeamento312

Encontre grupos para homens autores de violência nas coordenadorias do seu estado:

Todos os estados brasileiros têm uma Coordenadoria Estadual da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar (CEVID). São unidades que existem para dar suporte a políticas institucionais e públicas que estão focadas em enfrentar a violência contra meninas e mulheres. **Procure a CEVID da sua região para encontrar grupos e alternativas que estejam no seu estado e que tenham uma certa estrutura e estabilidade.**

ESTADO/UF	E - MAIL	TELEFONE
Acre (AC)	→ comsiv@tjac.jus.br	(68) 9220-1402 Atendimento telefônico ou WhatsApp
Alagoas (AL)	→ coordenadoria.mulher@tjal.jus.br	(82) 4009-9666
Amapá (AP)	→ coordenadoria.mulher@tjap.jus.br	(96) 3312-3277 (96) 99157-2916
Amazonas (AM)	→ coordenadoria.mulher@tjam.jus.br	(92) 2129-6649
Bahia (BA)	→ coordenadoriamulher@tjba.jus.br	(71) 3372-1867
Ceará (CE)	→ cemulher@tjce.jus.br	
Distrito Federal (DF)	→ njm.df@tjdft.jus.br	(61) 3103-2041 (61) 3103-2088 (61) 3103-2027
Espírito Santo (ES)	→ violenciadomestica@tjes.jus.br	(27) 3334-2709 (27) 3334-2174
Goiás (GO)	→ coordenadoriamulher@tjgo.jus.br	(62) 3216-2502 WhatsApp (62) 99108-2133
Maranhão (MA)	→ cemulher@tjma.jus.br	(98) 3261-6284 (98) 3198-4740 Whatsapp (98) 98876-5071
Mato Grosso (MT)	→ cemulher@tjmt.jus.br	(65) 3617-3591
Mato Grosso do Sul (MS)	→ coordenadoriadamulher@tjms.jus.br	(67) 3314-1988 (67) 3313-2443

Minas Gerais (MG)	→ comsiv@tjmg.jus.br	(31) 3237- 8232 (31) 3237- 8231 (31) 3237- 8233
Pará (PA)	→ cevid@tjpa.jus.br	(91) 3205-2715
Paraíba (PB)	→ cge.coordmulher@tjpb.jus.br	WhatsApp (83) 98797-5619
Paraná (PR)	→ cevid@tjpr.jus.br	(41) 3200-3556 (41) 3200-3558 (41) 3200-3559
Pernambuco (PE)	→ coordenadoria.mulher@tjpe.jus.br	(81) 3182-0859
Piauí (PI)	→ cemvidpi@gmail.com	Fixo e WhatsApp (86) 3230-7975
Rio de Janeiro (RJ)	→ coemulher@tjrj.jus.br	(21) 3133-3617 (21) 3133-3154 (21) 3133-3758
Rio Grande do Norte (RN)	→ coordenadoriamulher@tjrn.jus.br	(84) 3673-9216
Rio Grande do Sul (RS)	→ cgj-cmvdf@tjrs.jus.br	(51) 3259-4238 (51) 99540-7589
Rondônia (RO)	→ coordenadoriadamulher@agenda.tjro.jus.br	(69) 3309-7104
Roraima (RR)	→ cevid@tjrr.jus.br	(95) 3194-2649
Santa Catarina (SC)	→ cevid@tjsc.jus.br	(48) 3287-2636
São Paulo (SP)	→ comesp@tjsp.jus.br	(11) 3538-9034 (11) 3538-9038 (11) 3538-9039 (11) 3538-9035
Sergipe (SE)	→ coordenadoriadamulher@tjse.jus.br	(79) 3226-3468
Tocantins (TO)	→ cemsvid@tjto.jus.br	(63) 3901-9628 (63) 99298-1370

Como enfrentar a violência contra meninas e mulheres em uma organização?



A Coalizão Empresarial Pelo Fim da Violência Contra Mulheres e Meninas tem um trabalho contínuo de enfrentamento às violências de gênero. Ele acontece tanto em relação a agressões contra meninas e mulheres, como enfrentando as desigualdades, discriminações e assédio no ambiente de trabalho, entre outras coisas. A coalizão é uma iniciativa criada pelo Instituto Avon, pela Fundação Dom Cabral e pela ONU Mulheres.

As ações envolvem desde o engajamento na liderança em jornadas de formação como também a implementação de metas alinhadas aos Princípios de Empoderamento das Mulheres, da ONU Mulheres e do Pacto Global, e em contribuição à Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, especialmente o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável

QUER SABER MAIS?

Então acesse o [site da Coalizão Empresarial Pelo Fim da Violência Contra Mulheres e Meninas](#).

INSTITUTO AVON

Este texto foi escrito para esta publicação pela equipe do Instituto Avon

Daniela Grelin – Diretora Executiva

Renata Rodovalho – Gerente de Causas

Beatriz Accioly – Coordenadora de

Parcerias, Pesquisa e Impacto

Giuliana Borges – Coordenadora de Comunicação

Fernanda Puleghini – Redatora e Revisora

Miniguia para que profissionais da Educação e familiares possam prevenir a violência



Preparamos dicas para te ajudar a prevenir as violências por meio da educação. Ensinar sobre consentimento é peça fundamental nesse enfrentamento.

Ensinar sobre consentimento é essencial

O QUE É CONSENTIMENTO?

“Posso te beijar?”

“Pode”.

A primeira frase é uma forma de pedir consentimento e a segunda é o consentimento sendo dado.

Consentir é quando uma pessoa declara que está de acordo com alguma proposta. É uma aprovação ou permissão.

O consentimento deve ser um “sim” dito de livre e espontânea vontade. Ficar em silêncio ou não reclamar não é consentimento. Dizer sim quando tem muita insistência ou chantagem também não.

1. Consentimento é base de uma cultura de respeito, com pessoas que respeitam quando a vontade das outras pessoas é diferente das que elas têm.

Como seria isso no dia a dia de uma criança?
“Se ela não quer brincar assim, não vamos brincar assim”.

2. Ensinar consentimento forma crianças que sabem colocar limites e sabem pedir ajuda quando os limites forem ultrapassados.

Como seria isso no dia a dia de uma criança?
“Pedi para ele não fazer assim, mas como ele desrespeitou, falei com a professora”.

É importante que as crianças e adolescentes desenvolvam uma confiança na pessoa educadora a ponto de sentir que podem se abrir sem julgamentos. Para isso, evite rotular negativamente as emoções das pessoas e estimule todos a falarem focando no que sentem, como vamos detalhar a seguir com vários exemplos. Separamos as dicas por faixa etária para te ajudar a adaptar as estratégias de acordo com a maturidade dos estudantes.

12 ações que podemos ensinar para prevenir violências

1.

Pedir consentimento antes de tocar

Use frases, como "Maria, vamos perguntar ao João se ele gostaria de um abraço de despedida?".

Se João disser "não", alegremente diga à criança: "Tudo bem, Maria! Vamos dar um tchauzinho de longe!".

2.

Ter empatia com a dor do outro

Use frases, como: "Eu sei que você queria, mas quando você bateu no Pedro para pegar o brinquedo, você machucou ele, e ele se sentiu muito triste".

3.

Apoiar umas às outras diante de problemas

Você pode ensinar que, ao ver outra criança precisando de ajuda, ela pode avisar adultos confiáveis. "Tia, acho que o Lucas não está bem. Vem ver!"

4.

"Não" e "Pare" são palavras importantes e devem ser honradas

Assim como devemos sempre parar de fazer algo quando alguém diz "não", nossos amigos também devem parar quando dizemos "não".

5.

Se não quiser, não precisa abraçar nem beijar

Nunca force a criança a abraçar, tocar ou beijar um parente ou um colega, por nenhuma razão. Sugira alternativas como "dar um tchauzinho de longe". Frases como: "Dá um beijo no tio se não ele vai ficar triste com você" deixam as crianças mais vulneráveis a situações de abuso.

Afinal, se essa criança aprende com os pais que é preciso agradar os parentes e conhecidos, ainda que isso a deixe desconfortável, ela pode achar que os pedidos de um abusador fazem parte dessa mesma categoria de coisas obrigatórias.

6.

Consentimento no banho

Sempre peça permissão à criança para ajudá-la a se limpar quando isso envolve tocar em seu corpo. "Posso lavar suas costas agora? E seus pés? Que tal seu bumbum?" Se a criança disser "não", então dê a ela o papel, o sabão ou lencinho e diga "Ok! Seu bumbum precisa ficar limpinho. Cuide disso".

7.

Dê a oportunidade de dizer sim ou não no dia a dia

Deixe que as crianças escolham suas atividades nos horários livres e tenham voz sobre o que, com o que e como querem brincar. Dessa forma, a criança poderá desenvolver a sua autonomia e entender a diferença entre a sua vontade e a ordem de uma pessoa adulta.

9.

Fale sobre instintos

Às vezes, algumas coisas podem assustar ou nos deixar com nojo e nós não sabemos o motivo. Pergunte se isso já aconteceu com elas e ouça atentamente enquanto explicam.

11.

“Use suas palavras”

Se a criança estiver fazendo birras, peça que ela fale usando até as mais simples palavras para explicar o que está acontecendo. Isso é essencial tanto para que a criança aprenda a nomear suas emoções, quanto para identificar um possível motivo da reação.

12.

Estimule a contar quando algo a incomoda

Ajude as crianças a identificarem quem são as pessoas com quem elas se sentem confortáveis e em quem podem confiar. Incentive que elas procurem essas pessoas para dizer quando houver algo incomodando.

É importante que essas pessoas não as julguem nem reprimam as dúvidas de uma criança. Ter esse espaço de confiança ajuda que elas possam contar quando algo abusivo começa a acontecer. Assim, esses ciclos de violência podem ser quebrados logo no começo.

8.

Ensine e também fique disponível para as dúvidas que surgir

Ensine as palavras corretas para as genitálias e dê espaço para elas falarem sobre corpos, sexo, amor, família, raça, orientação sexual, capacidade motora ou mental. Se você não souber como responder às suas perguntas do jeito certo, então apenas diga:

“Estou feliz que você está me perguntando sobre isso, mas eu tenho que pesquisar. Podemos falar depois do intervalo?”. Após essa fala, tenha certeza de cumprir sua palavra.

10.

Ler expressões faciais e outros sinais corporais

Encoraje e ensine a criança a identificar e a expressar suas emoções. Quando estamos falando de consentimento, o fato de as crianças identificarem que alguém está demonstrando consentimento e desconforto em determinada situação pode ajudá-la, principalmente, em interações físicas em que o consentimento mútuo é essencial.

9 ações que podemos ensinar para prevenir violências



1.

Refletindo sobre as mudanças

Ensine que as mudanças do crescimento – seja a perda dos dentes ou o crescimento de pelos – podem gerar confusões, mas que também trazem coisas boas. Lembre a criança que tudo pelo que ela está passando é natural, que não é preciso ter vergonha. Isso facilita que, quando a criança tenha dúvidas e aflições, ela sinta que pode conversar com alguém sobre o assunto.

2.

Encoraje as crianças falarem sobre o que as faz sentir bem ou mal

“Você gosta de sentir cócegas?” ou “O que te faz sentir mal?”. Nos momentos de cuidado ou atenção individual, deixe espaço para a criança falar sobre qualquer coisa que vier à cabeça.

3.

Ensine as crianças a impor limites

Dizer “não” pode ser parte da brincadeira. Então você pode ajudá-las a ter uma palavra-chave ou uma estratégia de negociar limites com os amigos dizendo, por exemplo: “Eu tô falando sério!”.

4.

Incentive a checarem o bem-estar dos colegas

Fazer uma pausa no meio da brincadeira para ter certeza de que todo mundo está se sentindo bem é uma estratégia ótima para as crianças desenvolverem uma cultura de atenção e cuidado entre si.

5.

Não envergonhe as crianças com comentários sobre namoradinhos e namoradinhas

Os sentimentos de amizade e carinho são comuns e positivos, mas não devemos colocar isso na “caixinha da paixonite” que tem muito mais a ver com o mundo dos adultos do que com o mundo das crianças. Você pode fazer perguntas mais abertas, como: “Como vai sua amizade com a Maria?” e prepare-se para falar sobre isso.

6.

Ensine às crianças sobre as consequências dos seus comportamentos

Peça que observem como as pessoas respondem quando alguém faz barulho ou bagunça. Alguém vai se assustar? Alguma outra pessoa vai ter que limpar a sujeira? Explique às crianças como as escolhas que elas fazem podem afetar os outros, ajudando-as também a identificar quais são os momentos e espaços onde é possível fazer barulho e bagunça.

7.

Ensine as crianças sobre as consequências dos seus comportamentos

Peça que observem como as pessoas respondem quando alguém faz barulho ou bagunça. Alguém vai se assustar? Alguma outra pessoa vai ter que limpar a sujeira? Explique às crianças como as escolhas que elas fazem podem afetar os outros, ajudando-as também a identificar quais são os momentos e espaços onde é possível fazer barulho e bagunça.

9.

A contarem quando algo as incomoda

Ajude as crianças a identificar em quem são as pessoas com quem elas se sentem confortáveis e em quem podem confiar. Incentive que procurem essas pessoas para dizer quando houver algo incomodando. É importante que essas pessoas não as julguem nem reprimam as dúvidas de uma criança.

Ter esse espaço de confiança as ajuda a contar quando algo abusivo começa a acontecer. Assim, esses ciclos de violência podem ser quebrados logo no começo.

8.

Ajude as crianças a interpretar o que elas veem

Ensine a observar a expressão facial de colegas para ter certeza de que todas as pessoas estão felizes. Se alguém parece não estar bem, convide a criança a elaborar o que fazer para ajudar.

Para crianças atípicas ou com algum tipo de deficiência: como falar de consentimento?

As crianças com alguma deficiência ou crianças atípicas, com Transtorno Espectro Autista (TEA) ou Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), podem ter dificuldade com a leitura de expressões faciais. Compartilhamos algumas dicas específicas para trabalhar com essas crianças:

- ✓ **USE:** muitos recursos visuais com imagens e repetição. Cartões com expressões faciais podem ajudar no entendimento das emoções.

- ✓ **USE:** recursos, como atividades, jogos, vídeos educativos, de forma repetitiva e estruturada para que elas absorvam a mensagem e treinem para colocar em prática.

- ✓ **USE:** a partir de exemplos concretos, utilize informações que fazem parte do mundo daquela criança para explicar ao que ela deve estar atenta e o que fazer.

- ✗ **NÃO USE:** palavras de duplo sentido, apelidos ou metáforas, como “mão boba” podem confundir a criança e devem ser evitadas. A comunicação deve ser direta: “Qual é esta parte do corpo?”, “Quem pode tocar aqui?”.

Se a criança tem dificuldade de falar,

foque mais nas imagens, usando bastante o recurso da repetição, e menos palavras.

Use métodos variados

Cada criança aprende de uma forma de acordo com sua característica. Por isso, devemos usar vários caminhos para facilitar a aprendizagem.

Chantagens entre meninos e meninas: uma estrutura de violência

Desde a infância podemos ver as próprias crianças usando de chantagens para conseguir algo que querem do ou da colega. Isso pode acontecer de forma simples e aparentemente inocente, por exemplo, um garoto pedindo um selinho em troca de ajudar a colega a estudar para a prova.

Esse comportamento tende a se repetir ao longo da adolescência. Podemos ver meninos pedindo por atos sexuais como “prova de amor” e isso reforça toda uma estrutura de controle e poder baseada em medos e inseguranças da pessoa chantageada.

Para enfrentar a violência contra meninas e mulheres na sua raiz, é importante ensinar que chantagem é um ato de violência, que um amor e uma amizade saudável não impõe condições.

10 ações que podemos ensinar para prevenir violências

A fase da adolescência traz novas questões e necessidades: é um momento de diversas transformações físicas, hormonais e emocionais que podem impactar as próximas vivências daquela pessoa.

1.

A diferença entre “toque bom e toque ruim”

Principalmente no Ensino Médio surgem várias “brincadeiras de toque”. Bater na bunda, garotos batendo uns nos genitais dos outros, beliscando os mamilos. Podemos convidá-los a compartilhar experiências, falando sobre como isso pode ser desconfortável para quem recebe o toque e como essas brincadeiras impactam as outras pessoas.

2.

Trabalhando a autoestima dos adolescentes

O *bullying* atinge a identidade dos jovens e, a partir dos 13 anos, impacta diretamente a autoestima. 78% das adolescentes brasileiras de 13 anos utilizam filtros nas fotos de redes sociais para tentar mudar ou ocultar pelo menos uma parte ou característica do seu corpo que não gostam (Projeto Dove, 2020).

Podemos fortalecer a autoestima lembrando-os de seus talentos, habilidades, e também valorizando pontos de aparência. Reforçar o senso de valor de cada pessoa é uma forma de cultivar autocuidado e empatia.

3.

Tenha conversas frequentes sobre relações e consentimento

Pergunte coisas, como: “Como você sabe se a pessoa está pronta para te beijar?”, “Como saber quem está interessada em você?”. Existem formas legais de pedir permissão para beijar ou tocar alguém e somente “Sim” significa “Sim”.

4.

Incentive transformar comentários superficiais em reflexões

Na adolescência, o papo sobre sexualidade pode reproduzir visões que desumanizam as outras pessoas. Se ouvir a frase: “Ela tem um bundão gostoso.”, você pode convidá-los a ir além: “Acho que ela é mais do que uma bunda, não é?”.

5.

Acolha as confusões que surgem dos processos hormonais

É normal sentir raiva, mas o que você vai fazer com isso? A sua raiva não te dá o direito de machucar outra pessoa. Os adolescentes precisam ter espaços para falar sobre o que sentem, mas vale lembrá-los de que seus sentimentos, desejos e necessidades precisam ser ponderados considerando respeito por todas as pessoas

6.

Converse sobre masculinidades

Essa conversa ajuda os meninos a entenderem de onde vêm alguns dos seus comportamentos, analisando quais valores são importantes para cada um ao cultivar ou interromper um comportamento.

O que eles não gostam sobre esse modelo de “machão do passado”? Dá pra ser diferente? Dá para sair desse modelo sem deixar de “ser homem”? Essas conversas podem encorajar a construir uma forma não violenta de masculinidade para o futuro.

7.

Mostre os seus limites, mas não deixe de dar as informações necessárias

Você pode dizer que não os quer bebendo ou usando drogas. Sabendo que em alguma medida adolescentes podem ou não fazer essas coisas, então, deixe seus alunos informados para tomarem próprias decisões e saberem reduzir os danos. Se eles beberem, como vão manter a si mesmos e aos outros seguros?

8.

A conversa sobre sexualidade precisa acontecer sempre

Adolescentes podem dizer que já sabem tudo, mas é importante continuar a conversa sobre consentimento, proteção e sexualidade. Fale das diferenças de respeitar a pessoa que está se relacionando e de checar consentimento de forma contínua, mesmo quando a relação já existe.

9.

Dê sempre as informações necessárias

Adolescentes com curiosidades acharão um jeito de ter informações sobre sexo. Se não for em um espaço de confiança, virá de outro local (que pode ser mais problemático).

Compartilhe informações de forma amorosa, honesta e consistente. Isso não é um incentivo a atividades sexuais. É um incentivo para que eles decidam de forma mais consciente e responsável.

10.

A contar quando uma violência, mesmo que sutil, aconteça

Incentive que jovens procurem pessoas de confiança para dizerem quando sentem que outras pessoas estejam ultrapassando seus limites. É importante que essas pessoas não culpem nem punam esses jovens pelo que está acontecendo.

FRASES COMO “agora você não vai mais sair de casa com as suas amigas e nem usar essas roupas” não ajudam a evitar violência e ainda geram outros tipos de sofrimento nessa jovem.

Ter esse espaço de confiança ajuda que elas possam contar quando algo abusivo começa a acontecer. Assim, esses ciclos de violência podem ser quebrados logo no começo.

Este texto foi escrito para esta publicação por

**METOO
BRASIL**

Marina Ganzarolli – Presidente
Suely Straub, Giovanna Saad,
Daiane Regina Sanches –
Colaboradoras Voluntárias
Fontes: UNICEF e The Good Men Project

4

Materials complementares

Lista de palavras explicadas



Entendendo questões de gênero

Sexo e Gênero

Sexo é a biologia do nosso corpo, que pode ser XX, XY e outras combinações genéticas que existem na espécie humana. Já o gênero é tudo aquilo que foi construído na história e na sociedade como papel de homem ou de mulher. Resumindo: o sexo é biológico, já o gênero tem muito a ver com a nossa cultura e expectativas sociais.

Identidade de gênero

Diz respeito ao gênero com o qual nos identificamos independentemente do nosso sexo. É como nos compreendemos e nos colocamos no mundo: seja como homens e mulheres, trans ou cis, travestis, pessoas não binárias ou outros gêneros.

Pessoas trans

São as pessoas que não se identificam com o gênero que foi inicialmente dado a elas quando nasceram com base em seu sexo biológico.

Pessoas cisgênero

São pessoas que se identificam com o gênero que foi inicialmente dado a elas quando nasceram com base em seu sexo biológico.

Travesti

Trata-se de uma pessoa que foi designada homem quando nasceu, mas que se entende como pertencente à identidade feminina. Essa pessoa pode ou não se entender também enquanto mulher. Esse termo não está ligado a cirurgias de redesignação sexual. Tanto travestis quanto mulheres trans podem ou não realizar esses procedimentos.

Pessoa não binária

Não binária é um termo usado para pessoas que não se identificam nem com o gênero masculino e nem com o feminino. Assim, essas pessoas sentem que sua identidade de gênero não pode ser definida dentro das margens dessa binariedade.

Machismo

Machismo é um sistema cultural com base na crença da superioridade do masculino sobre o feminino. Isso também envolve crenças, atitudes e práticas com base na divisão rígida de papéis entre homens e mulheres, determinando o que cada um pode ou não fazer.

Misoginia

É quando alguém age ou fala de maneira preconceituosa contra mulheres por causa do machismo; quando uma pessoa não gosta

das mulheres ou de qualquer coisa que seja considerada como comportamento feminino. Dizer para um menino não ser uma “mulherzinha”, ou um assédio moral praticado dentro de uma organização são exemplos de comportamentos misóginos.

Sexismo

É o preconceito ou discriminação com base no sexo ou no gênero de uma pessoa. O sexismo no Brasil afeta, principalmente, mulheres cis, mulheres trans e crianças (meninas e meninos) que têm seus corpos colocados como um possível objeto de posse dos homens.

Feminismo

É um movimento múltiplo que luta pela igualdade entre todas as pessoas, independente de sua identificação de gênero. Sua pluralidade, inclusive, nos faz dizer “feminismos” (no plural), porque existem diversas linhas feministas com demandas específicas e diferentes que precisam ser enxergadas.

Masculinidades

São diferentes maneiras de agir e características ligadas ao que as pessoas geralmente consideram ser comportamentos de homens. Hoje se entende que não existe apenas uma forma de ser homem, ou seja, não existe apenas uma masculinidade, mas diversas masculinidades que formam a nossa cultura e a nossa sociedade.

Interseccionalidade

É uma forma de entender o mundo analisando o conjunto de fatores da situação. Por exemplo: quando uma executiva negra é discriminada, o fato de ela ser mulher é conectado ao fato de ela ser preta. E tudo isso também tem a ver com a classe e o poder que ela tem. Uma perspectiva interseccional deve levar todos esses fatores em consideração.

Equidade

É uma forma de pensar justiça e equilíbrio considerando que, para as pessoas terem condições iguais, elas podem precisar de ferramentas diferentes. Para que uma pessoa que usa cadeira de rodas possa estar na mesma sala de reunião que a outra que não usa, é preciso haver uma rampa e mesas adequadas, por exemplo. São necessidades diferentes que não dão vantagem para ninguém. Apenas permite que haja condições equivalentes.

Grupo de masculinidades

Grupos de homens que se reúnem voluntariamente para conversar sobre comportamento, sociedade, construção das masculinidades e outros temas relacionados, como a misoginia e o sexismo.

Grupos reflexivos e responsabilizantes para homens autores de violência

São grupos de homens atuados pela Lei Maria da Penha. O objetivo dos grupos é evitar que esses homens sigam agindo de forma agressiva. O foco são questões de socialização

de gênero, relações de poder, masculinidades, emoções, controle de raiva e manejo de conflitos.

Esse grupo está previsto na lei 13.984 de 3 de abril de 2020 que, a partir da Lei Maria da Penha, direciona homens autores de violência para “centro de educação e de reabilitação e a ter acompanhamento psicossocial”.

Entendendo formas de violência

Homem autor de violência

Falamos em “homem autor de violência” – ao invés de “agressor” – porque, dizer “agressor” é conectar a identidade desse homem à violência. Quando falamos em “autor de violência”, dizemos que ele agiu de maneira violenta, entendendo também que é possível pensar que a pessoa possa se responsabilizar e mudar de atitude.

Violências de gênero

São todas as formas de violência que acontecem pela desigualdade de poder relacionada a gênero (masculino e feminino). Acontecem também quando homens tentam controlar os comportamentos das mulheres, e também as formas de homofobias (são violências que atingem homens e mulheres justamente quando esses indivíduos não atendem a um padrão esperado de gênero e sexualidade).

Violência política de gênero

Trata-se de ações com o intuito de excluir a mulher dos espaços políticos, impedir, dificultar ou restringir seu

acesso, seja através de difamação da vida pessoal, interrupções frequentes, ameaças ou desvio de verba das candidaturas femininas, por exemplo. As mulheres acabam sofrendo esse tipo de violência quando concorrem a cargos políticos ou quando já foram eleitas.

Violência doméstica

Por definição da lei nº 11.340 de 7 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha), “violência doméstica” é “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial”. Dizemos que essa violência é doméstica porque 30% delas acontecem no ambiente domiciliar e, em sua maioria das vezes, o autor da agressão é uma pessoa próxima da vítima.

Violência familiar ou intrafamiliar

Por definição da lei nº 11.340 de 7 de agosto de 2006, um tipo específico de violência de gênero ou doméstica que acontece quando o autor da agressão e a pessoa agredida estão unidos por laços familiares.

Assédio

Assédio é um tipo de violência que acontece quando uma pessoa é exposta várias vezes ou constantemente a situações de constrangimento ou humilhação. Situações de assédio costumam envolver uma diferença nas posições de poder (seja pelo cargo numa empresa, pelo gênero ou raça). O assédio pode ser moral ou sexual. Na lei nº 10.224 de 15 de maio

de 2001 o assédio sexual é compreendido como “constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função”. Já o assédio moral é considerado na Constituição da República que tem como fundamento “a dignidade da pessoa humana e o valor social do trabalho (art. 1º, III e IV)”. Além de assegurar “o direito à saúde, ao trabalho e à honra (art. 5º, X, e 6º)”. O artigo 186 do Código Civil também trata desse assunto: “Aquele que, por ação ou omissão voluntária, negligência ou imprudência, violar direito e causar dano a outrem, ainda que exclusivamente moral, comete ato ilícito”.

Violência patrimonial

É quando o autor da violência prejudica a outra pessoa ao reter, tomar ou destruir algo dela. Esconder o celular, quebrar o cartão do banco, reter a cédula de identidade ou o dinheiro de uma pessoa são alguns exemplos.

A lei nº 11.340 de 7 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha) define a violência patrimonial como “qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades.”

Violência psicológica

São as ações que têm o objetivo de limitar ou controlar a outra pessoa com ameaças, constrangimentos, humilhações, chantagens e outras ações que causem danos à autoestima, ao senso de individualidade e à saúde mental.

Pela lei nº 11.340 de 7 de agosto de 2006, a violência psicológica é entendida como “qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação.”

Violência sexual

Inclui uma série de formas e condutas em que uma pessoa tenta conseguir alguma vantagem sexual sobre outra sem a autorização ou permissão dela ou usando de coerção*. As violências sexuais incluem a importunação sexual, algumas formas de assédio e também o estupro.

A lei nº 11.340 de 7 de agosto de 2006 define a violência sexual como “qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada,

mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos.”

* **Coerção**

Quando alguém usa de ameaça, força física, pressão psicológica, ou outras táticas manipuladoras para que alguém faça algo contra sua vontade ou interesse.

Violência física

Segundo a lei nº 11.340 de 7 de agosto de 2006, a violência física é entendida como “qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal”. Portanto, são atos nos quais se faz uso da força física de forma intencional, não acidental, com o objetivo de ferir, lesar, provocar dor e sofrimento a uma pessoa, deixando, ou não, marcas em seu corpo.

Importunação sexual

Quando a pessoa faz algo de caráter sexual com objetivo de satisfazer a si próprio, mas o faz na presença e até invadindo o espaço de outra pessoa que não autorizou a ação. Exemplo: uma pessoa se masturbando no transporte público. Não é preciso ter contato físico na importunação sexual. A lei nº 13.718 de 24 de setembro de

2018 define importunação sexual como “praticar contra alguém e sem a sua anuência ato libidinoso com o objetivo de satisfazer a própria lascívia ou a de terceiro”.

Estupro

É toda e qualquer violência física feita por ameaças ou por chantagem com o objetivo de ter algum tipo de “conjunção carnal” ou ato erótico. Não é preciso ter penetração para que a ação seja considerada como estupro. Coagir alguém a toques, como masturbações, também é considerado estupro.

Para a lei nº 12.015 de 7 de agosto de 2009, estupro é “constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso.”

Feminicídio

É quando o assassinato de uma mulher está relacionado a questões de gênero. Exemplo: quando a motivação para esse crime é o fim de um relacionamento ou uma traição. Essas motivações que levam ao feminicídio estão frequentemente ligadas ao sentimento de perda do controle (de poder) sobre as mulheres, assim como ao ódio ou ao desprezo. A lei nº 13.104 de 9 de março de 2015 define o feminicídio como assassinato de uma mulher “por razões da condição de sexo feminino. Considera-se que há razões de condição de sexo feminino quando o crime envolve violência doméstica e familiar; menosprezo ou discriminação à condição de mulher.”

Violência virtual

São atos de violência, agressão ou assédio que acontecem pelos meios virtuais de comunicação.

Perseguição e stalking

A palavra “stalking” vem do inglês e quer dizer perseguição. É perseguir alguém, virtualmente e/ou pessoalmente, invadindo sua liberdade, privacidade e ameaçando a integridade física ou psicológica dessa pessoa.

Difamação

Atribuir ações e fatos ofensivos à imagem ou à reputação de alguém com objetivo de desacreditar essa pessoa socialmente. Na lei, a difamação é considerada um crime contra a honra. Com as redes sociais, a difamação pode ganhar proporções massivas (alcançar muitas pessoas) com mais frequência.

Bullying

Agressões verbais ou físicas que buscam intimidar, perseguir e ridicularizar outras pessoas com base nas suas características físicas, orientação sexual e comportamentos.

A lei nº 13.185/2015, que instituiu o Programa de Combate ao Bullying, define como: todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

Cyberbullying

Trata-se de comportamentos de calúnia, perseguição, difamação e humilhação praticados contra alguém no ambiente virtual pelas redes sociais, fóruns online ou aplicativos de mensagem.

Disseminação de imagens sem autorização

Acontece quando uma pessoa divulga imagens íntimas da outra pessoa, sem autorização, como forma de retaliação pelo fim da relação ou rejeição. Esse crime é chamado de forma equivocada de “pornografia de vingança”.

Gaslighting ou manipulação

Tipo de abuso psicológico feito propositalmente para levar a mulher a duvidar de seu senso de percepção, raciocínio, memória e sanidade. Um contexto comum para isso acontecer é quando o homem quer se esquivar de algum tipo de acusação: seja sobre algo tão simples como falta de afeto (“você está distante e não é mais carinhoso comigo”, “você tá maluca, fica vendo coisa onde não tem”), ou até mesmo sobre traições (“Eu não estava falando com ninguém... Você inventa. É coisa da sua cabeça”).

Manterrupting ou Interrupções constantes

Quando um homem interrompe, constantemente, a fala de uma mulher, não permitindo que ela conclua seu raciocínio. Isso atrapalha que essa mulher se expresse e exponha suas ideias, podendo gerar consequências na autoestima e carreira de meninas e mulheres.

Mansplaining

Quando um homem explica algo que aquela mulher muito provavelmente já sabe, mas ele o faz como uma forma (intencional ou não) de subestimar a capacidade dela ou se supervalorizar a inteligência dele.

Bropriating ou apropriação indevida

Quando um homem se apropria, sem dar crédito a autora, de alguma fala, ações, estudos, pesquisas, projetos, serviços ou produtos que uma mulher produziu. Isso acontece muito no ambiente de trabalho, invisibilizando ideias e carreiras femininas.

Outros termos importantes

Nude

Geralmente, a palavra é usada para descrever fotos íntimas em que alguém está sem roupas.

Situação de vulnerabilidade

É quando uma pessoa ou grupo estão mais expostos a riscos e dificuldades por diferenças sociais, como baixo recurso financeiro, falta de acesso a serviços básicos, condições de saúde frágeis, localização geográfica desfavorável, conflitos, discriminação de gênero, etnia ou religião, idade avançada e baixa educação.

Psicoeducativo

Quando alguma ação ou intervenção educativa é realizada com o suporte e a orientação de psicólogos e profissionais de educação.

Maturidade psicosssexual

Desenvolvimento psicológico e emocional que ocorre ao longo da vida de uma pessoa, especialmente relacionado à sua sexualidade. Espera-se que a maturidade psicosssexual seja conquistada ao longo dos anos em um processo de desenvolvimento para que as pessoas sejam maduras na idade adulta.

Links e sugestões de aprimoramento



LIVRO
Como conversar com homens sobre violência contra meninas e mulheres - 2023
bit.ly/conversar-homens-violencia-nova-edicao



MAPA DE GRUPOS PARA HOMENS
Instituto PDH e PapodeHomem - 2023
Nesse mapa, você encontra grupos de masculinidades que atuam on-line para todo o Brasil, outros que têm encontros presenciais, iniciativas responsabilizantes para homens autores de violência, institutos de formação metodológica e CEVIDs: institutopdh.com.br/mapeamento

INSTITUTO AVON

RELATÓRIOS E PESQUISA DO INSTITUTO AVON

Confira pesquisas realizadas pelo Instituto Avon sobre violência contra as mulheres. institutoavon.org.br/conteudo-violencia-contra-as-mulheres

PESQUISA
→ **Percepções dos homens sobre a violência doméstica contra a mulher (2013)**
bit.ly/percepcao-dos-homens

PESQUISAS

→ **Violência contra a mulher no ambiente universitário (2015)**
bit.ly/violencia-ambiente-universitario

→ **Pesquisa - Percepção sobre a violência contra mulheres no ambiente universitário (2015)**
bit.ly/percepcao-violencia-ambiente-universitario



GUIA DE BOLSO PARA RELACIONAMENTOS SAUDÁVEIS - 2023
Este guia traz informações para garantir que todas e todos saibam reconhecer os sinais das diversas formas de violência e, sobretudo, que decidam o melhor a fazer diante delas.
bit.ly/guia-relacionamentos-saudaveis



DOCUMENTÁRIO
O silêncio dos homens (2019)

Esse filme realizado pelo Papo de Homem em parceria com a Natura Homem e Reserva é parte de um projeto que ouviu mais de 40 mil pessoas em questões a respeito das masculinidades. institutopdh.com.br/documentarios



DOCUMENTÁRIO
Precisamos falar com os homens? (2016)

O documentário realizado através de uma parceria entre o Papo de Homem e a ONU Mulheres tem como objetivo mostrar que a igualdade de gênero é benéfica para homens e mulheres. bit.ly/precisamos-falar-com-os-homens



AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO
Criada em 2009 pelo Instituto Patrícia Galvão, a Agência Patrícia Galvão produz e divulga notícias, dados, pesquisas e conteúdos sobre violência e direitos das mulheres brasileiras. agenciapatriciagalvao.org.br/



LIVRO
Derrubando muros e construindo pontes: como conversar com quem pensa muito diferente de nós

papodehomem.com.br/pontes



MEMÓRIAS MASCULINAS
Primeira organização especializada em atender homens vítimas de violência sexual do Brasil. memoriasmasculinas.org/

INSTITUTO NOOS

As principais atividades do Instituto incluem: atendimento em terapia familiar, de casal e terapia comunitária, assim como cursos de facilitação de grupos Reflexivos de Gênero. noos.org.br
Acesse o curso: bit.ly/curso-grupos-reflexivos



INSTITUTO MARIA DA PENHA

O papel do instituto é promover a construção de uma sociedade sem violência doméstica e familiar contra a mulher. institutomariadapenha.org.br



GÊNERO E NÚMERO

Organização de mídia no Brasil que apresenta dados sobre equidade de gênero. <https://www.generonumero.media/>

LISTA NACIONAL DE 312 INICIATIVAS, programas ou grupos para homens autores de violência contra mulheres - 2019

Realizada a partir de uma parceria entre o Grupo de Pesquisa Margens, Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e o COCEVID (Colégio de Coordenadores) bit.ly/Mapeamento312



ENTREVISTA

Entenda o trabalho com homens autores de violência contra mulheres (2020)

Como estes grupos ajudam a reduzir violências contra mulheres e meninas? É possível fazer online? Onde encontrar? O professor doutor Adriano Beiras, especialista no tema, fala sobre essas e outras questões. bit.ly/entrevista-adriano-beiras



LIVRO
Grupos para homens autores de violência contra as mulheres no Brasil: experiências e práticas (2022)

bit.ly/livro-grupo-para-homens



CARTILHA DE PREVENÇÃO AO ASSÉDIO MORAL

bit.ly/cartilha-prevencao-assedio-moral

Referências

Bloco 1

17º Anuário de Segurança Pública – 2023 bit.ly/anuario-seguranca-2023

Atlas da Violência – IPEA – 2023 www.ipea.gov.br/atlasviolencia/

Dossiê Mulher – Instituto de Segurança Pública - Rio de Janeiro – 2019
bit.ly/dossie-mulher-rj-2019

Pesquisa – O papel do homem na desconstrução do machismo –
Instituto Avon – 2016 bit.ly/papel-homem-desconstrucao-machismo

Pesquisa – Violência contra a mulher: o jovem está ligado? – Data Popular
e Instituto Avon – 2014 bit.ly/o-jovem-ta-ligado

Fórum Brasileiro de Segurança Pública – 2021
bit.ly/forum-brasileiro-seguranca-publica-2021

Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável – Brasil – 2022
bit.ly/agenda-2030-desenvolvimento-sustentavel

Girls Not Brides – 2023 www.girlsnotbrides.org/

Pesquisa Muito Além do Cyberbullying - Instituto Avon e Decode
institutoavon.org.br/pesquisa/

Relatório Save The Children – 2016
bit.ly/relatorio-save-the-children-2016

UNFPA – Brasil – 2020
bit.ly/UNFPA-Brasil-2020

Mapa da Violência – 2015
bit.ly/mapa-violencia-2015

Atlas da Violência – IPEA – 2018
bit.ly/atlas-violencia-2018

Gênero e Número – 2021
bit.ly/genero-numero-2021

Dossiê: Assassinatos e violências contra travestis
e transexuais Brasileiras em 2022
bit.ly/dossie-antra

ONU Mulheres – 2020
<http://www.onumulheres.org.br/>

IBGE – 2020
bit.ly/relatorio-IBGE-2020

IBGE – 2021
bit.ly/relatorio-IBGE-2021

Nações Unidas – Brasil
bit.ly/nacoes-unidas-brasil

Frequency of self-reported sexual aggression and
victimization in Brazil: a literature review, Lylla Winzer, 2016.
bit.ly/sexual-aggression-victimization-Brazil

A violência nossa de cada dia, segundo dados da Pesquisa Nacional
de Saúde, Maria Cecília de Souza Minayo e colaboradores, 2019-2022
bit.ly/pesquisa-nacional-saude

Abuso sexual de vítimas do sexo masculino : notificações
e prontuários no Distrito Federal - Amanda Pinheiro Said – 2017
bit.ly/abuso-vitimas-masculino

Nota Técnica: Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados
da Saúde – IPEA – 2014 bit.ly/estupro-ipea-2014

Prevalence, Characteristics, and Factors Associated With Sexual Violence in Adulthood Among Brazilian MSM – Denis Gonçalves Ferreira e colaboradores – 2022 bit.ly/sexual-violence-2022

ONG – Quebrar o Silêncio – 2017
www.quebrarosilencio.pt/

Violência sexual contra meninos e homens – Papo de Homem – 2021
papodehomem.com.br/violencia-sexual-contra-meninos-e-homens/

Bloco 2

Plataforma Mulher Segura
mulhersegura.org/

Mapa do Acolhimento
www.mapadoacolhimento.org/

Fundo de Investimento Social Privado
www.fundoisp.com.br/

Me Too Brasil
metoobrasil.org.br/preciso-de-ajuda

Bloco 3

Domestic Violence Resource Centre
women.novascotia.ca/domestic-violence-resource-centre

Cartilha Educação Sexual para Pessoas com TEA
bit.ly/cartilha-educacao-sexual-tea

Equipe envolvida no projeto

PapodeHomem e Instituto PDH



GUILHERME VALADARES

Diretor de pesquisa



ANDRIO ROBERT LECHETA

Editor de conteúdo



FELIPE RAMOS

Diretor de operações



DANDARA CUNHA

Analista de impacto



MARINA MOREIRA

Coordenadora do projeto



MANOEL PINTO

Revisor especialista em masculinidades



GABRIELLA FEOLA

Coordenadora de conteúdo

Especialistas



ADRIANO BEIRAS

Psicólogo, psicoterapeuta, terapeuta de casais e famílias. Professor adjunto da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutor europeu em Psicologia Social. Pesquisador na área de violências e masculinidades.



DENIS G. FERREIRA

Psicólogo, doutor em saúde coletiva, professor e diretor do Memórias Masculinas.



JÉSSICA PAULA DA SILVA MENDES

Mestre em Psicologia. Psicóloga da Defensoria Pública do Estado do Paraná. Atuante na sede da Casa da Mulher Brasileira. Docente do ensino superior.



SÉRGIO BARBOSA

Consultor em Masculinidades e Violência de Gênero. Orientador e formador de facilitadores de grupos reflexivos para homens autores de violência.



TAINÁ AGUIAR JUNQUILHO

Professora de Tecnologia, Inovação e Direito no IDP. Doutora na Universidade de Brasília (em IA e Direito). Mestra em Direito UFES. Advogada. Pesquisadora na área de Inteligência Artificial.



VIVIANA SANTIAGO

Consultora em Diversidade e Inclusão, colunista na revista AzMina e Portal Lunetas. Atuou junto à cooperação internacional e hoje lidera o time de diversidade e inclusão no IMS.

Parceiros

INSTITUTO AVON

Daniela Grelin
Diretora Executiva

Renata Rodovalho
Gerente de Causas

Beatriz Accioly
Coordenadora de Parcerias,
Pesquisa e Impacto

Giuliana Borges
Coordenadora de Comunicação

Fernanda Puleghini
Redatora e Revisora

METOO BRASIL

Marina Ganzarolli
Presidente

Suely Straub
Colaboradora Voluntária

Giovanna Saad
Colaboradora Voluntária

Daiane Regina Sanches
Colaboradora Voluntária

DESIGN E DIAGRAMAÇÃO DO LIVRO

Jorge Oliveira (Estúdio Nono)
Diretor de arte

ILUSTRAÇÕES

Gil Tokio
Ilustrador e professor

Acessibilidade: revisão do conteúdo e orientações para identidade visual

MARIA INCLUSIVA

Elza Maria Albuquerque
Fundadora da Maria Inclusiva,
especialista em acessibilidade digital

Isabela Fernandes Correia
Validadora com deficiência intelectual

Jailma Souza
Especialista em redação para
experiência da pessoa usuária

Juliana Barica Righini
Consultora, mediadora e especialista
em Linguagem Simples

Pedro Henrique Leite
Designer, consultor de
acessibilidade e pessoa autista

Vitor David
Designer de produtos acessíveis

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Nelson Müzel
Médico, psicanalista
e gestor de conflitos

Coleção "Construindo pontes e derrubando muros":

VOLUME 1

Como conversar com quem pensa muito diferente de nós? (2019)

VOLUME 2

Como conversar com homens sobre violência contra as mulheres, elaborado em parceria com o Instituto Avon (2019)

VOLUME 3

Como conversar com homens sobre violência contra meninas e mulheres (2023)

Conversar com meninas e mulheres sobre empoderamento é a metade da conversa, a outra metade é conversar com meninos e homens. As crenças de superioridade masculina são reafirmadas na escola, em filmes, séries, jogos etc. Meninos e homens estão recebendo essas mensagens que dizem: Vai lá, seja homem!

E o que costuma significar “ser homem”? Tende a ser: pouco falar, ouvir ou discutir sobre consentimento, sobre conversar e consultar mulheres, sobre se expressarem de forma ética e responsável. Quando essas conversas acontecem, pode ser desconfortável, mas é transformador! Conversar com meninos e homens é a estratégia mais potente para enfrentar a violência e construir um mundo melhor para todas as pessoas.



VIVIANA SANTIAGO

Ativista, mulher, negra, nordestina e mãe de um menino negro. Dedicou anos de trabalho a defender os direitos de crianças e adolescentes.

Produzido por



Viabilizado por

FEBRABAN / Sindical